

LINDOMAR JÉMISON MOURA RODRIGUES

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS FILHOS
NO SÉCULO XXI**

Orientadora: Professora Doutora Marisa Pascarelli Agrello

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

**Lisboa
2022**

LINDOMAR JÉMISON MOURA RODRIGUES

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS FILHOS
NO SÉCULO XXI**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, no dia 14 de julho de 2022, perante o júri, com o Despacho de Nomeação N° 256/2022, de 11 de julho de 2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Carla Galego;
Arguente: Prof. Doutor José Viegas Brás;

Orientadora: Prof.^a. Doutora Marisa Pascarelli

Coorientadora: Prof.^a. Doutora Ana Sofia António.

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

**Lisboa
2022**

DEDICATÓRIA

Dedico à minha querida esposa Otamires C. Rodrigues, que está ao meu lado em todos os momentos e em todas as circunstâncias; aos meus filhos Anderson C. Rodrigues e Andressa Rodrigues da Silva; à minha nora Lohrena Sousa Rodrigues, ao meu genro Manoel de Jesus Rocha da Silva.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão, em primeiro lugar, a Deus que é minha força e amparo, quem me tem concedido todas as oportunidades e inteligência e de quem eu dependo completamente; agradeço à minha esposa e filhos, família e amigos que sempre nos dão a motivação necessária para continuar lutando por nossos ideais.

“Um professor que tenta ensinar sem inspirar o aluno com o desejo de aprender está martelando em ferro frio”.

(Horace Mann)

RESUMO

A discussão sobre a participação da família no processo de formação escolar tem sido muito exaltada, pois muitas pesquisas apontam que o envolvimento dos pais com a escola dos seus filhos, facilita o processo da aquisição da aprendizagem, diminuindo os traumas que essa etapa muitas vezes pode trazer. A frequência dessas discussões deve-se ao facto de que, muitas vezes, os pais, apesar de saberem dessa importância, ainda acham que o processo de ensino-aprendizagem é uma responsabilidade exclusiva do professor. O objetivo da pesquisa é analisar a importância da participação dos pais de forma efetiva na vida escolar dos seus filhos. A metodologia da pesquisa foi de natureza exploratória, descritiva e apresenta abordagem quantitativa. Realizada com pais e professores de duas escolas sendo uma da Educação Básica do Município de Sobral - CE e a outra Escola de cunho Evangélico. Quanto aos pais foram entrevistados 106 (cento e seis) da rede particular e 77 (setenta e sete) da rede pública. Em relação aos professores foram entrevistados 30 (trinta) da rede particular e 40 (quarenta) da rede pública. No estudo foram citados autores de referência tais como: Assmann & Sung (2012), Azanha (2011), Campos (2011), Castro (2012), Chalita (2011), Codo (2009), Cunha (2010) entre outros que tratam do assunto. Os resultados da pesquisa evidenciaram que muitas vezes, os pais se abstêm da sua obrigação em visitar a escola, tal comportamento deve-se ao facto de, na maioria das vezes, não possuírem um relacionamento estreito e afetivo com o professor e a escola, ou acreditam que sua participação é dispensável, ou ainda, não sabem como participar. Diante disto, a problematização que se apresenta é a criação de uma parceria entre a família e a escola onde depende muito da conscientização dos professores e de toda a instituição para uma mudança desta situação. As reuniões entre pais e mestres são sempre cansativas, baseadas em temas teóricos e abstratos, em que muitas vezes os pais ouvem uma lista de problemas dos filhos, que vão desde mau comportamento às notas ruins e somente o professor fala. Os pais precisam ter um espaço para falar, apresentar suas ideias, demonstrar o que pensam sobre o trabalho do professor e, em geral, de toda a escola. Ao mesmo tempo, a escola deve promover programas para o envolvimento familiar, além das datas comemorativas. Reuniões específicas para orientação da participação efetiva dos pais na educação escolar dos filhos, fazendo com que os mesmos percebam o quanto podem colaborar com o trabalho do professor e o quanto essa parceria pode ser positiva para todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem do discente. É uma alternativa interessante para o início da mudança de postura dos pais em relação à vida escolar de seus filhos. Nesse contexto, a conclusão que se chega é que embora ainda seja tímida a participação da família e muito há o que ser feito, cabe também aos educadores comprometidos verdadeiramente com a aprendizagem dos alunos, buscar o estreito relacionamento das relações, numa parceria entre aluno - professor - família e escola.

Palavras-chave: Aluno. Escola. Família.

ABSTRACT

The discussion of family participation in school education process has been highly exalted, because many studies show that parental involvement with the school of their children, facilitates the process of acquisition of learning, reducing the trauma that this step can often bring. The frequency of these discussions is due to the fact that parents often, even though they know this importance, still feel that the teaching-learning process is the teacher's sole responsibility. The objective of the research is to analyze the importance of parents' participation in an effective way in their children's school life. The methodology used to elaborate the study was exploratory, descriptive and presents a quantitative approach. Held with parents and teachers of two schools being one of Basic Education in the Municipality of Sobral-CE and the other Evangelical School. Parents were interviewed 106 of the private network and 77 of the public network. In relation to the teachers, 30 were interviewed from the private network and 40 from the public network. In the study, authors such as Assmann & Sung (2012), Azanha (2011), Campos (2011), Castro (2012) and Chalita (2011), Codo (2009) and Cunha (2010) were cited. The survey results showed that often parents abstain from their obligation to visit the school, such behavior is due to the fact that, in most cases, do not have a close and loving relationship with the teacher and the school, or believe that their participation is expendable, or do not know how to participate. In view of this, the creation of a partnership between the family and the school depends greatly on the awareness of teachers and the whole institution to change this situation. Parent-teacher meetings are always tiring, based on theoretical and abstract themes, where parents often listen to a list of children's problems ranging from bad behavior to bad grades and only the teacher speaks. Parents need to have a space to talk, present their ideas, demonstrate what they think about the work of the teacher and, in general, the whole school. At the same time, the school should promote programs for family involvement, in addition to the commemorative dates. Specific meetings to guide the effective participation of parents in the education of the children, making them realize how much they can collaborate with the teacher's work and how this partnership can be positive for everyone involved in student teaching-learning process is an interesting alternative for the beginning of the change of posture of the parents in relation to the school life of their children. In this context it is concluded that although it is still shy participation of the family and there is to be done, it is also up to educators committed truly with student learning, seeking the close relationship of the relationship, a partnership between student – teacher – family and school.

Keywords: Family. School. Student.

LISTA DE SIGLAS

- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
PAIC - Programa de Alfabetização na Idade Certa
PPP - Projeto Político Pedagógico
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ÍNDICE GERAL

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERCURSO TEÓRICO DA PESQUISA	16
2.1. Breve Histórico da Educação na Civilização.....	16
2.2. História da Educação no Brasil.....	20
2.3. Os Grandes Desafios na Educação do Século XXI	23
2.3.1. Educação e Conhecimento	25
2.3.2 Tecnologias X Sala de Aula.....	26
2.3.3. O Espaço Escolar	27
2.3.4. Educação Humanizadora.....	28
2.4. A Participação da Família na Educação Escolar	33
2.4.1 Contextualização Histórica da Família	35
2.4.2. Papel da Família.....	40
2.4.3. A Relação Família e Escola	42
2.4.4. Gestão Escolar.....	50
2.5. O Papel do Gestor.....	51
2.5.1. A Participação da Família e a Gestão Democrática	53
2.5.2. Ações entre a família e a escola para desenvolver uma melhor interação e aprendizagem	60
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	64
3.1 Tipo e Método da Pesquisa.....	64
3.2. Lócus do Estudo	65
3.3. Objetivos da Pesquisa	66
3.4. Contextos da Pesquisa	66
3.5. Instrumentos da Pesquisa.....	67
3.6. Sujeitos da Pesquisa.....	68
3.7. Coletas dos Dados.....	68
3.8. Etapas da Pesquisa.....	68
3.9. Tabulações de Dados	69
3.10. Aspectos Éticos.....	69
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	71

4.1. Respostas dos Pais	71
4.1.1 Caracterização sociodemográfica dos pais participantes do estudo	71
4.1.2. Questionamento sobre a Participação dos Pais dentro da Escola de seus filhos.....	71
4.1.3. Questionamentos sobre o que os Pais Esperam da Escola de seus filhos	78
4.2 Professores Participantes	88
4.2.1 Caracterização sociodemográfica dos professores participantes do estudo	88
4.2.2. Como os Professores Observam a Participação da Família na Escola.....	88
5 CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
APÊNDICES	103
APÊNDICE 1	103
APÊNDICE 2	105
APÊNDICE 3	106

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Participação de trabalhos voluntários na escola de seu filho	73
Gráfico 2 -	Convocações para ir à escola de seu filho	74
Gráfico 3 -	Você conhece a escola de seu filho?	75
Gráfico 4 -	Importância da participação da família na escola	76
Gráfico 5 -	Conhece os representantes do colégio da escola de seu filho	78
Gráfico 6 -	Qual desses profissionais você gostaria de ter mais retorno/informações	79
Gráfico 7 -	Você conhece o método ou filosofia que a escola utiliza	80
Gráfico 8 -	Teve participação no projeto político pedagógico da escola de seu filho	82
Gráfico 9 -	Opinião sobre as reuniões marcadas pela escola	83
Gráfico 10-	Como a escola informa as reuniões e suas atividades	84
Gráfico 11-	Pontos negativos das reuniões dentro da escola	86
Gráfico 12-	Pontos positivos das reuniões dentro da escola	87
Gráfico 13-	Participação dos pais na escola que você atua	89
Gráfico 14-	A que se deve à ausência dos pais na escola	90
Gráfico 15-	Relação rendimento escolar dos alunos e participação da família na escola	91
Gráfico 16-	Necessidade de atividades na escola com a participação da família	93
Gráfico 17-	Você conhece os pais de seus alunos. qual a média?	94

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 -	Características sociodemográficas dos pais dos alunos	71
Tabela 2 -	Participação de trabalhos voluntários na escola de seu filho	72
Tabela 3 -	Convocações para ir à escola de seu filho	73
Tabela 4 -	Você conhece a escola de seu filho	74
Tabela 5 -	Importância da participação da família na escola	76
Tabela 6 -	Conhece os representantes do colégio da escola de seu filho	77
Tabela 7 -	Qual desses profissionais você gostaria de ter mais retorno/informações	78
Tabela 8 -	Você conhece o método ou filosofia que a escola utiliza	80
Tabela 9 -	Teve participação no projeto político pedagógico da escola de seu filho	81
Tabela 10 -	Opinião sobre as reuniões marcadas pela escola	83
Tabela 11 -	Como a escola informa as reuniões e suas atividades	84
Tabela 12 -	Pontos negativos das reuniões dentro da escola	85
Tabela 13 -	Pontos positivos das reuniões dentro da escola	86
Tabela 14 -	Características sociodemográficas dos professores	88
Tabela 15 -	Participação dos pais na escola que você atua	89
Tabela 16 -	A que se deve à ausência dos pais na escola	90
Tabela 17 -	Rendimento escolar dos alunos que tem a participação da família na escola	91
Tabela 18	Necessidade de atividades pela escola com a participação da família	93
Tabela 19	Você conhece os pais de seus alunos. qual a média?	94

1 INTRODUÇÃO

A temática da pesquisa está baseada na importância da família, na formação e na educação formal dos filhos. Percebe-se nos dias de hoje, no contexto da educação básica uma dificuldade de relacionamento entre pais e escola, ficando de certa forma a educação dos filhos por parte do sistema educacional, sobrecarregando ainda mais a política educacional.

A família tem uma importância primordial na educação dos filhos, não baseada somente nas concepções de comportamentos, ou seja, o primeiro contato com os pais, a forma de comportamento pelo qual somos orientados desde criança, mas também na participação ativa na vida dos filhos no cotidiano escolar.

A educação escolar nos últimos anos vem sofrendo alguns questionamentos em relação à educação formal de seus alunos, aquela que se aprende em casa com interferência dos pais, pois o que vem acontecendo principalmente nas escolas públicas é a falta deste apoio familiar.

A pesquisa da temática em questão será realizada no sistema educacional do município de Sobral - CE tendo como populações a serem estudadas duas unidades de educação básica, uma da rede municipal de ensino, e a outra, uma Escola de cunho evangélico, como comparativo, objetivando a verificação da participação da família na educação escolar dos filhos. A sociedade vive um grande dilema no que se refere à educação dos filhos. Não se pode pensar em como isto acontece hoje em dia sem lembrar e repensar o passado.

A questão familiar relacionada à educação dos filhos dentro da problemática escolar, já vem sendo discutida ao longo dos anos, porém o que o senso comum observa que a cada dia existe um maior distanciamento dos pais na educação dos filhos, principalmente se relacionados à Educação Básica na Escola Pública. O que se pode observar é que no decorrer dos anos a instituição familiar não vem progredindo de forma coerente, ou seja, os pais estão mais distantes da vida escolar dos filhos e da própria educação familiar, esta é uma realidade vivenciada nas escolas brasileiras.

Malavazi (2002), nos alerta que os pais não podem assumir uma postura de distanciamento da escola e da vida escolar de seus filhos:

Para muitos, não participar acaba sendo mais interessante uma vez que têm outras atividades que não podem deixar de assumir. Para a escola, a ausência da família significa poder decidir

Lindomar Jémison Moura Rodrigues - A participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI

sozinha, levando em conta seus próprios interesses. Assim surge a família ausente, ou seja, aquela que transfere algumas responsabilidades que seriam suas para outros setores que acabam se ocupando, nem sempre de forma adequada, da educação da criança e do adolescente, como as escolinhas de esporte, centros musicais, academias esportivas, etc. (Malavazi, 2002, p. 222-223).

Os últimos resultados estatísticos sobre população apontam que as mulheres estão assumindo o lugar de chefe de família, o que antes era dever do homem, isto significa que a mãe é a principal figura representativa do contexto familiar.

Outro fator que inquieta bastante é a ausência dos pais no lar, isto ocorre devido à necessidade tanto do pai quanto da mãe atuarem no mercado de trabalho, buscando melhores condições financeiras para o sustento de seus filhos e outras despesas básicas. Desta forma, contribuindo para a ausência dos pais tanto em casa, como na educação escolar.

Os problemas que a escola contemporânea atualmente enfrenta relacionados ao comportamento dos filhos e alguns fragmentos encontrados no sistema educacional nas escolas públicas estão voltados para a ausência da família na educação escolar dos filhos, que hoje está atribuída à escola quase desde que a criança nasce.

A discussão sobre a participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI justifica-se pela necessidade de promover a corresponsabilidade e exige desafios. A mudança e a perspectiva de integração entre família e escola devem ser incentivadas e analisadas constantemente. Esta luta se faz necessária para contribuir no processo de ensino-aprendizagem do educando, pois somente com a família interagindo com as escolas é que terá além de uma boa formação, uma preparação para tomar atitudes para enfrentar as dificuldades que certamente virão no decorrer de sua vida.

A dissertação tem como objeto de estudo descrever sobre a participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI e como objetivos específicos tem-se: Conhecer as formas de participação da família na escola; identificar os principais resultados trazidos pela participação dos pais na escola e esclarecer qual o papel dos pais no processo da educação.

A abordagem desta temática leva a seguinte pergunta de partida: de que forma deve correr a participação da família na escola? Esta pergunta remete a outras perguntas

secundárias tão importantes quanto a principal: De que maneira a escola pode estimular a participação dos pais? Quais os principais resultados trazidos por essa participação?

A metodologia utilizada para elaboração do estudo foi de natureza exploratória, descritiva e apresenta abordagem quantitativa. Realizada com pais e professores de duas escolas sendo uma da Educação Básica do Município de Sobral-CE e a outra Escola de cunho Evangélico.

Quanto aos pais foram entrevistados 106 (cento e seis) da rede particular e 77 (setenta e sete) da rede pública. Em relação aos professores foram entrevistados 30 (trinta) da rede particular e 40 (quarenta) da rede pública.

No decorrer da dissertação foram citados autores como: Assmann e Sung (2012), Azanha (2011), Campos (2011), Castro (2012), Chalita (2011), Codo (2009), Cunha (2010) entre outros que tratam do assunto abordado.

A presente dissertação está assim estruturada: o primeiro capítulo traz a introdução onde está contemplado a problematização do estudo, justificativa, objeto do estudo, pergunta de partida e perguntas secundárias provenientes da pergunta principal.

No segundo capítulo encontra-se o enquadramento teórico onde se aborda sobre a História da Educação na Civilização; a História da Educação e seus Desafios no Brasil e a participação da família na educação escolar.

Os capítulos IV e V são compostos pelo percurso metodológico da pesquisa e a apresentação e análise dos dados.

Por fim veem as considerações finais e referências bibliográficas.

2 PERCURSO TEÓRICO DA PESQUISA

2.1. Breve Histórico da Educação na Civilização.

Para compreender a escola, é necessário conhecer o processo social que lhe deu origem. A educação era uma atividade exclusivamente familiar. Mas quando a sociedade deixou de ser artesanal e se tornou industrial, foi necessário criar uma instituição que se responsabilizasse pela educação.

- **Educação dos tempos bíblicos:** Era passada de pai para filhos e de filhos para os netos e por gerações de séculos e milênios foram repassados os conhecimentos e a cultura. O respeito e a obediência aos pais e anciãos eram seguidos cabalmente. Há uma orientação nos registros sagrados que respaldam essa educação dando por base o conhecimento de Deus. Imprimir na mente dos Israelitas a responsabilidade que tinham os pais como sacerdotes do lar era a intenção. Estes tinham como compromisso educar seus filhos nos princípios aprendidos pelos pais e antepassados.

No decorrer da História de Israel encontram-se os mesmos princípios. Vê-se isto através das instruções dadas em gerações posteriores. Transpondo, agora, mais algumas gerações, encontra-se exemplo no início da nossa era, na Bíblia, no período chamado de Novo Testamento. Paulo, escrevendo a Timóteo e falando da maneira como foi ensinado. Enquanto Israel existiu como nação, e, posteriormente, o povo judeu, após a descaracterização de Israel ao misturar-se com outras nações, no Período Babilônico, salvo os períodos de afastamento de Deus, dependendo do rei em exercício, os princípios foram mantidos.

Naturalmente se percebe a educação partindo dos princípios da própria nação. ‘Princípios’, é a palavra-chave. Enquanto se defenderam princípios e valores morais, houve respeito aos pais, aos idosos, e aos semelhantes. No decorrer do tempo, porém, estes princípios foram sendo esquecidos e substituídos. Costumes foram adotados, e sob a forma de modernidades tomaram espaço.

Certamente, que não foi de uma hora para outra. As mudanças na História acontecem gradativamente, geração após geração. Para perceber estas mudanças, precisa-se olhar de cima com um olhar mais holístico, o que se fará buscando referenciais históricos que

ampliem a visão. Já se viu educação em um contexto da historicidade dos israelitas e judeus antigos, a partir dos registros sagrados.

Paralelamente, também, a educação acontecia em outras nações antigas, conforme se verá a seguir:

a) Educação na Grécia – “A formação integral”.

O grau de consciência de si mesmos que os gregos atingiram não ocorrera até então em lugar algum. A nova concepção de cultura e do lugar ocupado pelo indivíduo na sociedade repercutiu no ensino e nas teorias educacionais. De facto, os filósofos gregos voltavam-se para uma formação que desenvolvesse o processo de construção consciente, permitindo ao homem ser constituído de modo correto e sem falha, nas mãos, nos pés e no espírito. De modo geral, a educação grega está constantemente centrada na formação integral – corpo e espírito – mesmo que, de facto, a ênfase se deslocasse ora mais para o preparo esportivo, ora mais para o debate intelectual, conforme a época ou lugar (Aranha, 2006, p. 49-50).

A educação grega era centrada na formação integral do indivíduo. Quando não existia a escrita, a educação era ministrada pela própria família, conforme a tradição religiosa. A transmissão da cultura grega se dava também, através das inúmeras atividades coletivas (festivais, banquetes, reuniões). A escola ainda permanecia elitizada, atendendo aos jovens de famílias tradicionais da antiga nobreza ou dos comerciantes enriquecidos. O ensino das letras e dos cálculos demorou um pouco mais para se difundir, já que nas escolas a formação era mais esportiva que intelectual.

b) Educação Espartana

De acordo com Aranha (2006) Esparta era uma importante cidade-estado situada na península do Peloponeso. Após a fase heroica, ao contrário das demais cidades gregas

continua a valorizar as atividades guerreiras e a desenvolver uma educação severa, voltada para a formação militar.

Por volta do século IX a. C. o legislador Licurgo - cuja existência real é questionada - organiza o Estado e a educação. De início, os costumes não são tão rudes, e o preparo militar é entremeado com a formação esportiva e a musical. Com o tempo – e, sobretudo no século IV a. C., quando Esparta derrota Atenas – o rigor da educação se assemelha à vida de caserna (Aranha, 2006, p.5).

O contexto educacional de Esparta iniciava a partir dos cuidados com o corpo começam com uma política de eugenia – prática de melhoramento da espécie –, que recomenda abandonar as crianças deficientes ou frágeis demais e procurar fortalecer as mulheres para gerarem filhos robustos e saudáveis.

As crianças permanecem com a família até os sete anos, quando o Estado passa a oferecer uma educação pública e obrigatória. Vivem em comunidades constituídas por grupos que se formam de acordo com a idade, supervisionados pelos que se distinguem no desempenho das tarefas exigidas. Como todos os gregos, os espartanos desenvolvem o estudo de música, canto e dança coletiva. Até os 12 anos predominam as atividades lúdicas. Conforme a criança cresce, aumenta o rigor da aprendizagem e a educação física se transforma em verdadeiro treino militar. Os jovens aprendem a suportar a fome, o frio, a dormir com desconforto, a vestir-se de forma despojada. A educação moral valoriza a obediência, a aceitação dos castigos, o respeito aos mais velhos e privilegia a vida comunitária. Sob esses aspectos, as organizações da juventude espartana se assemelham bastante às dos Estados totalitários, como o nazismo e o fascismo, no século XX (Aranha, 2006, p. 51).

Na educação feudalista baseia-se a influência da igreja, que se tornava efetivamente política. Apesar dos tempos turbulentos naquele contexto histórico, a herança cultural greco-latina é resguardada nos mosteiros. Os monges eram os únicos letrados num mundo em que nobres nem servos sabiam ler. Após a educação feudalista surge a patrística baseada na defesa da fé, a escolástica considerada a mais alta expressão da filosofia cristã medieval (Aranha, 2006).

Após o fim da Era Medieval surge o Renascimento, *período da luz*, onde se desenvolveu o movimento conhecido como Humanismo, que significa a procura de uma

imagem do homem e da cultura, em contraposição à concepção teológica da Idade Média. Neste período, muitas mudanças ocorreram na sociedade: a expansão das Universidades, as artes e as reformas religiosas.

Na Idade Moderna diversas mudanças também contribuem para o cenário educacional: a ascensão da burguesia, a implantação do capitalismo e a intensificação do comércio. As ideias advindas do racionalismo e do Renascimento Científico influenciam os pedagogos, cada vez mais interessados pelo método e realismo de educar (Aranha, 2006).

A visão racionalista se instala no desenvolvimento educacional da civilização, trazendo fortes influências do Período Iluminista onde o homem vincula-se como um ser racional com capacidade de autonomia.

2.2. História da Educação no Brasil

A Contextualização Histórica da Educação no Brasil inicia-se a partir da chegada dos jesuítas promovendo uma ação maciça na catequese dos índios, educação dos filhos dos colonos, formação de novos sacerdotes e da elite colonial, além do controle da fé e da moral dos habitantes (Azanha, 2011).

Na perspectiva da construção de uma linha do tempo de forma ampla, estabelece uma estrutura didática para melhor compreensão da temática, três fases, seguindo a periodização esquemática.

De acordo com Campos (2011, p. 1):

- Fase I – Brasil Colônia / Império / 1ª República

O modelo colonial, em seus vários matizes, se prolongou até os anos de 1930. O interesse da metrópole baseou-se numa economia para a exportação, configurando o modelo agroexportador dependente. Este modelo econômico teve a sua vigência no trinômio: latifúndio, monocultura e o trabalho escravo.

Neste período, que caracteriza a Fase I – anteriormente sugerida, teve a política educacional sob o domínio dos jesuítas. O Estado português declinou de assumir um sistema de educação na colônia. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a metrópole se obriga, mesmo que de forma precária, a responsabilidade de constituir um aparato mínimo para oferta da educação local. São criadas as aulas régias e o subsídio literário. Somente 13 (treze) anos

depois, em 1808, com a chegada da família real no Brasil é que a coroa portuguesa permitiu a inovação na educação da colônia com as reformas propostas pelo Marquês de Pombal (Campos, 2011).

Somente com a consolidação do Império é que no Brasil de forma emblemática vai constituir propriamente um sistema educacional, mesmo que por uma política embrionária de educação.

- Fase II – 1930 a 1960

A segunda fase se caracteriza por um cenário em que ocorrem mudanças na estrutura da sociedade brasileira: as elites do país se debatiam sobre a consolidação do capitalismo e as estratégias para a transição de uma economia agrária para o modelo de uma sociedade urbana e industrial. A burguesia emergente ocupa os espaços hegemônicos. Os anos de 1930 foram marcados por uma intensa atividade de grupos revolucionários, militares que tentavam se estabelecer no poder. Todo esse processo de ebulição social caracteriza e justifica a estratégia política do nacional populismo da Era Vargas e a implantação do Período Ditatorial.

Com a Ditadura Vargas se acomodam as forças antagônicas e se metamorfoseiam os grupos no poder, objetivando a modernização da sociedade, mas de caráter excludente. No ensino ocorre a expansão que não acompanha a demanda. O sistema de ensino se configura como elitista. O sistema nacional de educação se definiu por meio das leis orgânicas do ensino, o que resulta no processo de organização do sistema por meio da discussão sobre a centralização e a descentralização (Campos, 2011).

Em 1932, ocorre o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que se configurou como uma carta de princípios para a reforma na educação. Com a implantação do Estado-novo impõe-se o regime ditatorial que permaneceu até 1945. Com a saída de Getúlio Vargas da Presidência da República, dá-se início a um novo processo de democratização da sociedade brasileira.

Em 1946, ocorrem os debates iniciais para a definição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que teve sua aprovação somente em 1961, quando foi estabelecida a Lei nº 4024/61 (LDB). Deste período até 1964, foram férteis em atividades os movimentos sociais que se mobilizaram na conquista e ampliação dos direitos sociais no Brasil. O capitalismo definitivamente consolidado no Brasil amplia seus tentáculos com a indústria pesada de base que chega representando o capital internacional.

A crise de 1964 foi reveladora do controle do capital internacional diante dos desafios do controle da sociedade, imposto de forma violenta mediante o poder conservador dos militares (Campos, 2011, p. 2).

A Ditadura Militar representou, numa leitura gramsciana, a intervenção da sociedade política nos espaços da sociedade civil. O conteúdo do regime militar de 1964 foi nefasto para a democracia no Brasil, provocando um verdadeiro retrocesso nas conquistas democráticas e populares.

Na perspectiva de Habermas, este momento histórico pode ser compreendido como um impedimento ao diálogo, que foi substituído pela violência. Naquela conjuntura histórica houve a exigência da edição de outra LDB – Lei nº 5692/71, que reformou os ensinos de 1º e 2º graus e a Universidade. Nessa reforma se deu a sua principal repercussão sobre a escolarização básica, pela necessidade de o país qualificar a sua força de trabalho. Isso porque era necessário ao capital internacional um trabalhador mais bem qualificado. Daí imperioso passar pelo sistema de educação uma escola que cumprisse atendendo a lógica do mercado na função social de reprodução do sistema capitalista internacional (Campos, 2011).

- Fase III – 1960 aos dias atuais

A terceira fase de 1964 até os dias atuais é caracterizada pelo declínio do poder militar e ascensão dos movimentos democráticos que lutaram pela anistia e pelo retorno à democracia. Em vias da abertura democrática, a educação passou por outra grande mudança com a Promulgação da Lei nº 7044/82, que praticamente extinguiu o ensino profissionalizante. Com a Constituição de 1988 foi necessária à edição de uma nova Lei Complementar ao capítulo da educação. Assim, no cenário da democratização, foi publicada a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9394/96. O debate desta LDB no Congresso Nacional representou o embate de uma concepção democrático-socialista e outra concepção de caráter liberal. A concepção de Estado, que foi definida no texto da lei, segue o modelo do Estado mínimo (Campos, 2011, p. 3).

Desse modo algumas questões, no que diz respeito aos princípios e fins da educação, atribuem-se à parte da responsabilidade pela orientação da educação às famílias e não obrigatoriamente ao Estado. No capítulo referente à valorização dos profissionais da educação, os textos originais são por demais evasivos.

O direito à educação é entendido como direito subjetivo. Assim, falta uma sólida concepção de sistema de educação apesar da definição das diretrizes e bases para a organização e o funcionamento da educação brasileira. Esta LDB representou, no seu todo, o embate entre as elites brasileiras defendendo uma política neoliberal para a educação de um lado, e do outro os educadores associados aos movimentos sociais resistindo contra o domínio do Neoliberalismo da Educação.

Ao delimitar a educação como responsabilidade do Estado a Lei de Diretrizes e Bases (nº 9.394, de 20/12/96) estabelece no artigo 1º que a educação abrange todos os processos formativos (família, trabalho, movimentos sociais, organizações da sociedade, manifestações culturais). O artigo 2º estabelece que a educação seja um direito de todos e um dever do Estado; deve ser baseada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade; e deve proporcionar uma preparação plena para a cidadania e o trabalho. O artigo 12 estabelece os deveres da escola; o artigo 13, os deveres do professor, e o 14 a gestão democrática da escola (Brasil, 1996).

2.3. Os Grandes Desafios na Educação do Século XXI

Perante a importância de se refletir sobre a escola, os profissionais da educação e o cenário em que estes estão colocados escolheram para o progresso deste item alguns dos estímulos de educar no século XXI, pelo valor e o tema da contemporaneidade. As modificações ocorridas na sociedade no final do século antigo e início deste século, provocaram transformações no modo de vida, mostrando novas tecnologias, conceitos e possibilidades. Em momento algum da história é tão necessário entender o uso de recursos que tornam o mundo relacionado. A imprecisão passou a fazer parte do dia a dia do homem moderno, e o que é mostrado como verdade atualmente, pode ser apontada obsoleta amanhã.

Este contexto exige uma nova posição e uma proposta que veja um rumo diferente para a educação. Pode-se admitir que conhecer a realidade escolar é aprofundar num universo onde o conhecimento, a inclusão e o emprego de novas tecnologias.

Ao se fazer a análise do professor atualmente das instituições de ensino, acredita-se que para as exigências do século XXI, faz-se necessária a presença de um professor inovador que venha atender às necessidades deste novo século. O profissional da educação nos dias

atuais precisa perguntar-se constantemente: por que aprender? Para quê? Contra quê? Para quem? O processo de aprendizagem não é neutro.

Conforme Imbernón (2009), os educadores possuem o grande desafio do futuro. Eles não podem ser apenas espectadores passivos do futuro, mas ser e fazer o papel de sujeito atores.

Aos professores cabe ensinar seus alunos a aprender a tomar iniciativas, ao invés de serem unicamente fontes de conhecimentos. Devem ser parceiros e protagonistas essenciais responsáveis pela renovação da educação e possuir a necessidade de criação de novos ambientes de aprendizagem e o pleno uso de novas tecnologias de informação e comunicação para os propósitos educacionais.

Um dos grandes desafios da prática pedagógica necessária ao século XXI é a inter e a transdisciplinaridade, considerando que uma disciplina não é mais importante que a outra, mas é o conjunto delas que torna possível a aprendizagem. A sociedade do conhecimento exige um novo perfil de educador, alguém comprometido com as transformações sociais e políticas, competente evidenciando uma sólida cultura geral que lhe possibilite uma prática interdisciplinar e contextualizada, dominando novas tecnologias educacionais. Um profissional reflexivo, competente no âmbito da sua própria disciplina, capacitado para exercer a docência e realizar atividades de investigação, além de precisar ser crítico e criativo.

Neste novo século, o foco passa para a aprendizagem levando o aluno a aprender a investigar a informação.

De acordo com Gadotti (2010, p. 209):

A escola não é um espaço físico: é, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. E, se ela quiser sobreviver como instituição, precisa buscar o que é específico dela. No final da década de 60, anunciava-se o fim da escola, o fim do professor, o advento da aldeia global televisiva. No entanto, a escola, mesmo atacada, vem-se fortalecendo no que tem de específico, a construção da cultura elaborada, incorporando as novas tecnologias e tirando proveito delas.

As escolas precisam aproximar-se da sociedade e esta da escola. Esta aproximação é fundamental atualmente, uma vez que o mercado de trabalho está a exigir profissionais capazes de aprender em suas múltiplas dimensões. A escola também deve reconhecer que já

não é mais a única – talvez nem a mais importante – fonte de conhecimento e que se dedique a ajudar o aluno a acessar e dar sentido ao conhecimento.

Por isso, caberá à escola ajudar a formar os geradores de novos conhecimentos, de novos saberes, para continuar a história do desenvolvimento dos saberes da humanidade, bem como modificar as relações entre alunos e professores, exigindo, interação permanente entre si e com os alunos e dos alunos entre eles.

2.3.1. Educação e Conhecimento

O propósito do conhecimento está relacionado às novas faltas das organizações do atual mercado global, onde o valor dos recursos humanos está multiplicado em relação a seu grau de conhecimento, dispendo de um papel ativo que possibilita a sua valorização pessoal e profissional perante a organização em que atua.

Conforme Gadotti (2010), o conhecimento tem estado garantido em qualquer projeção que se faz do futuro. Devido a isso, há o consenso de que o desenvolvimento de um país está condicionado à qualidade de sua educação. É importante ressaltar que a sociedade do século XXI, busca uma educação que vise formar para a autonomia devendo fomentar nos educandos a curiosidade e a criticidade, considerando que o educador que busca despertar esses aspectos em seus educandos, não pode basear-se apenas na memorização mecânica (Freire, 2012).

O educador do século XXI, imagem expressiva nesse contexto, deve colaborar para a formação de uma pessoa responsável, livre e cidadão, devendo estar atento à vida atual, onde o aluno recebe conhecimentos a todo instante, devido às chances proporcionadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação (Gadotti, 2010).

Por sua vez as tecnologias são importantes, mas apenas se soubermos utilizá-las. E saber utilizá-las não é apenas um problema técnico, mas também educacional, pois o uso de tecnologias sem a educação, conhecimentos e sabedoria que permitam organizar o seu real aproveitamento, levam-nos apenas a fazer mais rápido e em maior escala os mesmos erros (Dowbor, 2011).

Desse modo, pode-se considerar essencial que a educação, e os sistemas de gestão do conhecimento que se manifestem em torno dela, aprendam a usar as novas tecnologias para mudar a educação, na mesma dimensão em que estas tecnologias estão transformando o mundo que nos cerca. A alteração é de forma e de conteúdo. Pois a educação não é um

território em si, mas um processo contínuo de construção de pontes entre o mundo da escola e o universo que nos rodeia, o que reforça que a visão de todos os implicados, tem de incluir e conviver com estas modificações (Dowbor, 2011).

2.3.2 Tecnologias X Sala de Aula

A informática vem adquirindo cada vez mais destaque no cenário educacional. Sua utilização como ferramenta de aprendizagem e sua ação no meio social vêm evoluindo de forma rápida e constante. Desta forma, a educação passa por períodos de mudanças estruturais e funcionais frente às novas tecnologias.

Este novo meio requer que o professor repense sua prática e construa novas formas de ação que permitam não só lidar com esta nova realidade como também a reconstruir. Um dos objetivos defendido atualmente ao adaptar a informática a disciplina escolar está no uso do computador como ferramenta de apoio às matérias e aos conteúdos ensinados, além da missão de preparar os alunos para uma sociedade informatizada.

Segundo Tajra (2008) o professor precisa estar aberto para as mudanças, principalmente com relação à sua nova postura: acabou a esfera educacional da detenção do conhecimento, onde o professor “sabe tudo”.

Neste sentido Libâneo (2010, p. 40) afirma que:

É preciso, portanto que os professores alterem suas atitudes diante dos meios de comunicação, sob riscos de serem engolidos por eles. Mas é insuficiente ver os meios de comunicação meramente como recursos didáticos. Os meios de comunicação social (mídias e multimídias) fazem parte de um conjunto das mediações culturais que caracterizam o ensino.

Frente a estas mudanças, a primeira palavra de ordem do ser humano é geral: resistência. É importante e necessário esclarecer aos agentes escolares quanto à viabilidade do repensar que a escola exige e isso com a intenção de melhor atender aos requisitos da aliança sociedade/ciência/educação, tão presente e tão necessária na vida moderna.

Segundo Freire (2012), mudanças estruturais e pedagógicas só poderão vir a acontecer se a comunidade escolar estiver coesa e receptiva para compreender suas implicações. Direção e corpo docente constituem peças fundamentais de uma mesma engrenagem. Quando uma para, a outra sofre e vice-versa. Esse funcionamento sincronizado é que garante de que o trabalho possa ser da escola e ao mesmo tempo, de cada professor.

Além disso, há a preocupação diante da necessidade da formação continuada, onde segundo Freire (2012, p. 77): “a direção precisa expressar seu apoio aos professores, colaborando para que eles possam se sentir parte de um ‘time’ que busca alternativas inovadoras e significativas para os problemas educacionais que enfrentam”. A valorização e o respeito ao trabalho de cada docente é de uma importância para que o professor prossiga, engajando-se cada vez mais em um projeto que deve ser, ao mesmo tempo, coletivo e individual.

Nesta perspectiva, torna-se obrigatório o investimento constante em cursos de aperfeiçoamento para que o educador possa dominar os recursos e fazer proveito destas ferramentas durante as aulas. Assim, pode-se afirmar que a função do professor mudou de detentor de conhecimento para guia das investigações dos alunos. E pode-se afirmar também que a aprendizagem continuará a acontecer pela palavra, pelo gesto, pela emoção, pela afetividade, pelos textos lidos e escritos, pela televisão e também pelo computador, pela informação em tempo real e tantos outros meios.

2.3.3. O Espaço Escolar

A escola é o espaço onde alunos e professores interagem e constroem conhecimentos. Por isso ela deve ser um espaço de formação, onde a aprendizagem de conteúdos deve beneficiar o aluno no cotidiano, conhecimentos relativos às questões sociais e culturais. Nesta perspectiva, a escola deve também oportunizar ao aluno o desenvolvimento de capacidades e habilidades que irão facilitar a compreensão dos fenômenos sociais, culturais e econômicos.

É relevante colocar que a prática escolar é diferente de outros hábitos educativos, como as que ocorrem na família, ou no meio social, pois ela compõe-se de forma sistemática, planejada e contínua. Assim, a escola pode ter uma obra planejada no sentido de contribuir para que os alunos se apreendam dos conteúdos de maneira crítica e construtiva. Percebe-se ainda em muitas escolas que há uma muralha entre professores e alunos. Muitos professores se consideram donos do poder e do saber acabando assim, com o espírito crítico e a curiosidade do aluno.

Strieder (2012), afirma que uma vez morta à curiosidade, segue-se a morte dos desejos, a morte das esperanças e a morte em vida. A curiosidade possui papel importante e fundamental na aprendizagem, ou seja, mantém o desejo de conhecer e estimula a esperança. Assmann (2010) considera a falta de curiosidade no aprender como o pior analfabetismo. Desta forma, a pedagogia precisa voltar-se para o desenvolvimento de flexibilidades adaptativas que incluem a curiosidade criativa. É preciso reconhecer que nada de grandioso pode ser feito sem haver entusiasmo e paixão. Assim, pode-se acreditar que é possível construir uma educação com sensibilidade social.

Aprender a viver e conviver são um grande desafio do processo educativo. É fundamental o reconhecimento da diversidade, o autorrespeito e o respeito pelos outros. Neste contexto, sabe-se que muitos professores são verdadeiros conhecedores e observadores das atitudes individuais de cada criança. São professores que estão preparados para o processo ensino/aprendizagem não só voltado para a teoria, mas que educam para a vida.

Entre o professor e o aluno prevalece laços de afetividade para realizar os objetivos estabelecidos durante o processo escolar. Neste sentido Codo (2009, p.50) afirma:

[...] o objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem dos alunos. Para que a aprendizagem ocorra, muitos factores são necessários. Capacidade intelectual e vontade de aprender por parte do aluno, conhecimento e capacidade por parte do professor, apoio extraclasse por parte dos pais e tantos outros. Entretanto, existe um que funciona como o grande catalisador: “afetividade”.

Para desenvolver uma educação de qualidade, o professor necessita estabelecer um vínculo de afetividade com o trabalho realizado na atividade educacional. É importante a criança perceber que o educador demonstra carinho por ela e tem paixão pela sua profissão, e assim, estando preparado para as dificuldades diárias.

2.3.4. Educação Humanizadora

O agir pedagógico e o próprio conceito de aprendizagem e de construção de conhecimento supõem que se trata de um empreendimento humano que faz sentido para os

seres humanos. Numa frase: educar, aprender e conhecer implica uma aposta positiva na perfectibilidade e educabilidade “humanizante” do ser humano.

Portanto, uma das funções essenciais da escola é educar para a humanização. Assim, a educação ganha o sentido de contribuir para o desenvolvimento humano e não apenas para qualificar para o mercado de trabalho. Produzir e exprimir a criatividade são construir com diversidade um rico imaginário. Realizar uma cultura do ser e não apenas ter. Esta cultura deveria estar presente em todo o processo educativo de formação integral: inteligência, cuidado, sensibilidade, responsabilidade, solidariedade e emocionabilidade.

Maturana e Rezepka (2010) acreditam que a maior dificuldade na tarefa educacional oscila entre a formação humana e a capacitação. Para eles, a formação humana tem a ver com o desenvolvimento da criança como pessoa capaz de ser cocredora com outros de um espaço humano de convivência social e desejável.

Segundo Maturana e Rezepka (2010), para poder garantir a formação humana na criança é preciso apostar que ‘o que nos torna humanos é nosso viver como seres de linguagem, cooperadores e amorosos, com consciência de si e consciência social, no respeito por si mesmo e pelo outro’. É preciso viver nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, também aprenderá a aceitar e respeitar os outros.

A escola como um espaço de convivência, deve permitir o crescimento dos educandos como seres humanos de autorrespeito, e de respeito ao próximo, numa aceitação onde o outro surge como legítimo outro em convivência, na ação e reflexão no mundo em que vive de forma coerente com o viver do educador. Todo e qualquer processo educacional deve reconhecer a importância da cooperação e do respeito mútuo entre educador e educando e vive versa, bem como a capacidade reflexiva e a confiança.

Uma escola com uma estrutura centralizada favorece o individualismo. Já a escola humanizadora dispõe de uma estrutura descentralizada, reconhece a diversidade e trabalha de forma cooperativa. As ações de cooperação, a partir de relações de amor, precisam ser centrais nas atividades escolares e substituir as apostas no sucesso individual e na competição que ainda norteiam a vida em sociedade e o imaginário social.

Para Strieder (2012, p. 196): “ensona-se uma mentalidade que permita refletir profundamente a gênese da nossa condição humana tendo presente a colaboração e a ajuda mútua”.

O desenvolvimento individual depende da interação social, da própria formação, do próprio mundo de significados em que existe. É função do viver com os outros. A aceitação do outro é então fundamentado para que seu autoconsciente possa aceitar-se plenamente a si mesmo. Laços sociais são construídos comunitariamente. Eles exigem a existência da solidariedade e a existência daqueles que admitem a convivialidade com o outro. São eles que garantem a continuidade da existência humana.

Na escola ainda se trabalha com verdades preestabelecidas e determinadas tendo como referência valores morais, regras e hábitos prescritos sem possibilidade de abertura. Os conteúdos trabalhados têm um cunho da verdade validade pela ciência e é orientado para terem o mesmo olhar, a mesma perspectiva. O professor é o porta-voz desse conhecimento, conferindo-lhe verdade e autoridade.

Assmann (2010) considera a falta de curiosidade no aprender como o pior do analfabetismo. Por isso, a pedagogia precisa voltar-se para o desenvolvimento de flexibilidades adaptativas que incluem a curiosidade criativa. Reconhecer que nada de grandioso pode ser feito sem entusiasmo e paixão. Desenvolver o espírito inventivo e a autoestima para a melhoria das condições sociais da convivência com o outro.

É desafio educacional o desejo para resgatar a convivência colaborativa e comprometer-se com o salvamento da vida de todos. Acreditar que é possível construir uma educação com sensibilidade social.

Aprender a viver e conviver são um grande desafio do processo educativo. É fundamental o reconhecimento da diversidade, o autorrespeito e o respeito pelos outros. O saber formal é muito autoritário e impõe duras verdades à realidade escolar. A educação com base no respeito mútuo, compromissada com as relações de colaboração, salva vidas. Do contrário, uma educação descompromissada com a criação de climas favoráveis de convivência continuará destruindo vidas (Strieder, 2012).

É preciso desconstruir o discurso monolítico do saber no interior das escolas, o autoritarismo do saber oficializadas, a transmissão e *decoreba* de saberes prontos e elaborados, as tarefas puramente manuais, a fragmentação com a dispersão das disciplinas. Muitos professores ainda vivem num mundo autoritário, de saberes formais e indiscutíveis. Strieder (2012, p. 217), adverte que:

A capacidade humanizadora, que parece ser da própria imanência do ser humano, consiste em superar a estreiteza da observância de regras e do mero enquadramento ou ajustamento

a operações lógicas, rígidas e cartesianas. A capacidade da corporeidade e a inteligência foram subestimadas e continuará sendo assim se dermos continuidade ao processo de submissão dos alunos aprendestes às lógicas cartesianas de linguajar duro e mecânico, sem atribuir-lhes a ideia de rede de interconexões, interdependentes e autoconsciência.

Enquanto a maioria das pessoas ainda pensa e age localmente, com a globalização vivemos a interdependência, o que requer uma visão global. Somos uma parte do todo. A metáfora do mundo não é mais a máquina, mas o holograma, como diz Capra (2007), o que quer dizer, em cada parte está o todo. A partir desta concepção precisamos pensar as ações humanas dentro de um todo. Elas não estão isoladas e suas consequências interferem na complexidade.

Devido a isso, necessitamos educar as nossas gerações para recompor laços de solidariedade entre os seres humanos e expandi-los para as outras espécies, animais e vegetais. Se nós queremos um mundo melhor em que a solidariedade e o cuidado façam parte, temos de oportunizar para os educandos e educadores as vivencias destas situações. Não há mudança possível sem perceber que pertencemos a uma espécie que precisa se solidarizar com a vida. Mas, o cenário da globalização está nos assolando de forma predatória. Cada vez mais aumenta a exclusão social e as desigualdades.

Conforme Assmann e Jung (2012, p. 290):

No panorama da mundialização do mercado, com a marca do domínio praticamente descontrolado do capital financeiro sobre o capital comprometido com o crescimento e a melhoria das condições de vida da população, a educação transformou-se em recurso de sobrevivência. Não se vislumbram, nem no cenário mundial e muito menos ainda no brasileiro, potenciais políticos para reverter esse quadro assustador. Com isso, tornou-se aguda a consciência de que a luta contra a exclusão e por uma sociedade onde caibam todos passa fundamentalmente pela educação.

É preciso inovar as formas de educar para construir um mundo onde caibam todos. Educar não mais como transmissão de saberes pronto ou preparado para algumas especialidades, e sim, juntar competências inventivas e sensibilidade humana. Neste sentido, Strieder (2012) enfatiza que educar é um processo gerador e criador de ações efetivas para melhorar a solidariedade do viver.

Ainda conforme Morin (2010), a missão da educação está em refletir e discutir não o mero saber, mas sim a cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.

Strieder (2012, p. 212) faz referência significativa quanto ao compromisso da educação em relação à criação de esperança.

Para ele, no imenso e difícil desafio que a humanidade está enfrentando passa a ser compromisso de a educação habilitar-se a abrir horizontes de esperança. Compromisso que pode iniciar pela renovação dos campos semânticos que ostentam muita linguagem azeda, muito pessimismo que machuca e faz adoecer. A inclusão e o uso cotidiano de linguagens afirmativas, linguagens convidantes, linguagens esperançosas, que fazem sentido para a vida concreta de docentes e discentes é tarefa inadiável se o desejo for possibilitar sendas de felicidade possível, enquanto também comprometimento com futuros abertos, factíveis e construíveis.

A escola e o agir pedagógico tem uma função social. O reencantamento da educação requer a união entre sensibilidade social e eficácia pedagógica. O educador possui o compromisso de proporcionar, além da excelência pedagógica, um clima de esperança no contexto escolar. Educar tem tudo a ver com sedução, porque pedagogia é se encantar e seduzir-se reciprocamente com experiências de aprendizagem.

A escola está recheada de novos desafios e dentre eles citamos fortemente a sua função humanizadora. Construir na escola, um verdadeiro espaço de “ecologia social” onde possam ser vivenciadas experiências profundamente humanas, criar um verdadeiro laboratório de relações humanas ricas de significados. Uma escola especialista na arte de educar para a convivência.

Desta forma, desejamos que as escolas sejam um lar de vivências e de aprendizagem dos valores comprometidos com a vida em suas formas mais simples e complexas. Que seja um espaço de acolhida solidária, de paz, de justiça, de esperança, de sonhos, de felicidade e de aprendizagem permanente. Que a escola propicie espaços coletivos de formação intelectual, de cuidado com a formação humana, de vivência amorosa, com desejo de cuidar da vida do planeta. Um cenário educacional com desejo de construção de espaços de convivência, de sensibilidade humana para a melhoria da qualidade.

2.4. A Participação da Família na Educação Escolar

A importância de desenvolver este tópico no presente percurso teórico da pesquisa se deve a problemas relacionados à ausência da família no acompanhamento da vida escolar dos filhos, o que reflete diretamente no desempenho escolar dos mesmos. A participação da família e da comunidade na escola tem mudado muito através dos tempos, em função de vários fatores.

Havia um tempo em que a participação dos pais era só em reuniões bimestrais para chamar a atenção dos mesmos quanto ao rendimento e comportamento dos alunos. A escola era um clube fechado, onde os professores se recusavam a ter diálogos com os pais, por entenderem que a presença deles servia para atrapalhar os trabalhos escolares, não trazendo nada de positivo. Muitos pais até gostariam de participar das atividades escolares, porém a escola não permitia ir além das reuniões, a não ser que o aluno não se comportasse e os pais fossem chamados, pois se achava que a escola era um espaço destinado somente aos que nela trabalhavam. Hoje em dia, isso tem mudado e muitos pais estão se preocupando e participando, pois algumas escolas estão se aderindo para essa nova proposta de gestão democrática (Libâneo, 2010).

Depois da década de 1980, a escola, devido aos movimentos sociais em prol da democratização da gestão em especial, foi atingida por um desejo de maior participação dos pais. Os próprios professores acharam melhor abrir os portões para a comunidade, porque a escola deve ser um espaço público, de encontro de pais, de alunos, da comunidade e de todos os profissionais da mesma. A política democrática do ensino ganhou destaque nesta mesma década, a partir da Constituição de 1988, que a incorporou como um princípio do ensino público na forma da lei (Libâneo, 2010).

Muitos pais querem acompanhar seus filhos e sabem o quanto é importante esta interação escola-família-professores, pois a democracia deve ser iniciada na escola, beneficiando a todos e assim buscando uma melhoria do ensino. Mas mesmo com a abertura da escola, a grande maioria dos pais não tem dado atenção para a educação de seus filhos. Muitos pais alegam não ter tempo, o que causa baixo rendimento dos alunos, por não ajudar

nas tarefas em casa, por não cobrar, por achar que não é necessário e acabam deixando os filhos à vontade. Muitas vezes por trabalharem e estudarem fora, chegam cansados e não cumprem com a obrigação que é responsabilidade da família (Zagury, 2011).

Outro fator gravíssimo, é que há pais que acham que os filhos devem ser educados pelos professores, não importando com o que eles fazem, não os corrigindo. Atualmente muitos pais acreditam que matriculando seus filhos em "boas escolas", a educação está garantida. Eles esquecem que o lar é um dos mais importantes meios educativos para a formação do ser humano. É à base de formação moral e intelectual do ser. A educação começa em casa desde que a criança nasce sempre ensinando a ouvir e corrigir quando for necessário. Os pais devem ensinar os verdadeiros valores aos filhos e cobrá-los no dia a dia (Zagury, 2011).

A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos tem apresentado um papel importante no desempenho escolar. O diálogo entre a família e a escola, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho escolar, o que é possível considerar que a criança e os pais trazem consigo uma ligação íntima com o desempenho. Em relação aos aspectos históricos, autores como Ariès (2006), Dias (2010), Cunha (2010) buscaram compreender a dinâmica da relação família-escola, com destaque para a família como agente socializador, ao enfatizarem que os filhos aprendem valores, sentimentos e expectativas por influência dos pais.

Em primeiro lugar é necessário que os pais e/ou as mães assumam a sua responsabilidade no que tange à educação de seus filhos e filhas. É utopia esperar que outras instituições possam substituir o ensino que é ministrado no lugar em que a criança tem mais interações e afinidades. Assim, o lar é o lugar mais adequado para a educação integral da criança, inclusive por causa do vínculo afetivo que ela tem com as pessoas aí presentes.

De acordo com Reinke (2006), portanto, os pais devem aproveitar os primeiros anos de vida da criança para ensinar aquilo que norteará toda a sua existência. Quando há negligência neste aspecto, a educação é repassada para outras instituições, que, muitas vezes não cumprem adequadamente com seu papel.

De acordo com Zagury (2011, p. 31), os pais devem ir mostrando aos filhos/as o que é certo e o que é errado. A responsabilidade da educação é dos pais, em primeiríssimo lugar, e responsabilidade não se delega. É claro que a escola, por exemplo, irá colaborar com o pai e/ou a mãe, mas nunca os poderá substituir.

É necessário salientar que, quando se fala que a família é a maior responsável pela educação, não se refere a ensinar a ler e a escrever. A educação precisa ser integral, atingindo todo o ser da criança, inclusive o espiritual e o afetivo.

A participação dos pais na vida escolar de seus filhos é mais importante do que muitos pensam: ela precisa ser prioridade na formação integral da criança e é responsável pelo sucesso dela, quando se tornar um profissional, seja qual for a profissão que escolher. A união entre pais e mestres pode fazer a diferença, mas não podemos esquecer que várias escolas não possuem uma política de acolhimento da comunidade.

Hoje em dia já há conselhos escolares de pais nas escolas, onde eles participam de conselhos de classe e reuniões pedagógicas. A Lei nº 9394/96, conhecida como LDB redirecionou as formas de organização e gestão, criando os Conselhos Escolares para ter maior participação da comunidade na escola. Existem escolas que não possuem espaços de integração, por isso é preciso uma gestão democrática voltada para a comunidade (Brasil, 1996).

Família e escola devem caminhar juntas, pois muitas vezes, a escola enxerga problemas que os pais não veem, ou seja, ela vê dificuldades, facilidades e outras facetas do processo educativo que não eram observadas e nem se quer avaliadas. O Conselho Escolar é um órgão consultivo, democrático e de mobilidade mais importante do processo de gestão democrática, ele representa a comunidade escolar e a local, ele ainda define e discute o tipo de educação a ser desenvolvido na escola para ter democracia e qualidade no trabalho escolar. Isso porque parceria entre família e escola é de fundamental importância para o sucesso escolar.

2.4.1 Contextualização Histórica da Família

Ao longo da História Brasileira a família veio passando por transformações importantes que se relaciona diretamente com o contexto sócio-econômico-político do país. O Brasil-Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identifica-se um modelo de família tradicional extensa e patriarcal, no qual os casamentos baseavam-se em interesses econômicos, que à mulher, era destinada a castidade, a fidelidade e a subserviência. Aos filhos, considerados extensão do patrimônio do patriarca. Ao nascer

difícilmente experimentavam o sabor do aconchego e da proteção materna, pois eram amamentados e cuidados pelas escravas chamadas de amas de leite.

De acordo com Rocha e Macedo (2012, p. 34):

A partir das últimas décadas do século XIX, identifica-se um novo modelo de família. A Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituem terreno fértil para proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originário da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mães e poucos filhos. O homem continua detentor da autoridade e "rei" do espaço público; enquanto a mulher assume uma nova posição: "rainha do lar", "rainha do espaço privado da casa". Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar.

No âmbito legal, a Constituição Brasileira de 1988, aborda a questão da família nos artigos 5º, 7º, 201º, 208º e 226º a 230º, trazendo algumas inovações (artigo 226) como um novo conceito de família: união estável entre o homem e a mulher (§ 3º) e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (§ 4º). E ainda reconhece que: "os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher" (§ 5º) (Rocha & Macedo, 2012).

A família é considerada a instituição básica a partir da qual todas as outras se desenvolvem, a mais antiga e traz consigo um caráter universal se destaca em todas as sociedades, sendo que as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade, de acordo com Pereira (2010, p. 43).

Para Pereira (2010, p. 45) “a família é, o primeiro e o mais marcante espaço de realização, desenvolvimento e consolidação da personalidade humana, onde o indivíduo se afirma como pessoa”, seu ambiente natural de convivência solidária e desinteressada entre diferentes gerações, o ser mais estável de transmissão e aperfeiçoamento de princípios éticos, sociais, espirituais, cívicos e educacionais.

O ambiente familiar foi invadido pelo sistema escolar, seja no plano afetivo como no plano instrumental, a escola preocupa-se cada vez mais com o desenvolvimento da criança. Nos dias atuais é muito importante a escola instalar uma relação em que possa haver uma convivência construtiva e aberta com a família. A escola é uma instituição onde seu dever é

de educadora, e que com a unificação de parcerias com a família, ambas possam desempenhar uma completa sintonia, mantendo boas relações, deixando claro que é importante que uma conheça a realidade da outra, seus propósitos e objetivos de educação, e juntas, tornam-se lugares agradáveis para a convivência de nossos filhos e alunos (Santos & Braga, 2012).

A escola como uma instituição onde cria cidadãos para uma sociedade contemporânea, não deveria viver sem a família e nem a família deveria viver sem a escola, onde a colaboração uma da outra traz a tentativa de alcançar o maior objetivo, qual seja o melhor futuro para o filho e o educando e, automaticamente, para toda a sociedade. Um ponto que faz a maior diferença nos resultados da educação nas escolas é a proximidade dos pais na vivência escolar de seus filhos.

Conhecer a realidade dos alunos presume conhecer a comunidade escolar, as famílias, valorizar os saberes locais, estabelecer alianças e trocas mútuas. A participação da família é um ponto importante para o desenvolvimento e interesse do aluno, em muitos casos o filho se sente valorizado pela família, seja zelando pelos estudos dos filhos e quanto for divulgar e apreciar o esforço diário dos professores. Infelizmente, são poucas as escolas que podem se orgulhar de ter uma aproximação maior com os pais, ou de realizarem algumas ações que viabilizem a melhora da vivência escolar (Campos, 2011).

O facto dos pais muitas das vezes se preocuparem somente com o bem-estar da família, seu sustento, preocupando somente em trabalhar, esquecendo que a sua atenção é um papel de grande importância no relacionamento com os filhos onde tem o poder de desenvolver o interesse para seu crescimento social, esse não deixa de ser um fator importante para a relação entre a escola e a família. Entretanto, as ações concretas, visa atrair os pais para a escola, por ser uma ótima saída para formar melhor os alunos dentro dos padrões de estudos esperados e no sentido da cidadania.

Gokhale (2009) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é, e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. E evidenciado no nosso tipo de organização social, o papel crucial da família quanto à proteção, afetividade e educação.

A questão que colocamos a seguir é onde buscar fundamentação para a relação educação escola-família.

Para Rocha e Macedo (2012), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, e é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, em que se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

A família é uma instituição muito importante, e sob sua responsabilidade encontram-se as crianças, que, oriundas destes ambientes, precisam ser educadas, não apenas para saber ler e escrever, mas para serem autônomos, cidadãos conscientes e sujeitos da sua história e praticantes da cidadania. Que, ao vislumbrar um mundo que lhes oferece muitas oportunidades, saibam optar por aquilo que as fará felizes, mais completas e livres. Assim, estas importantes decisões traçarão seu percurso neste mundo, o qual necessita de homens e mulheres que lutem por seus objetivos e proporcionem melhor qualidade de vida (Setubal, 2009).

Portanto, é a família que fornece o bem-estar dos seus integrantes. Ela tem um papel decisivo na educação; é no convívio familiar que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde são aprofundados os laços de solidariedade. É também nela que se desenvolve o vínculo entre gerações e se conservam os valores culturais. São no interior da família que são desenvolvidos os “hábitos, inclinações e sentimentos” que farão parte da vida do indivíduo, constructos basilares de sua personalidade (Reinke, 2006, p. 12).

Os pais transmitem seus pontos de vista, sua religião, e seu estilo de vida aos filhos. A criança aprende através da imitação, identificação e instrução. Do nascimento até os cinco anos, a personalidade e o temperamento da criança são basicamente formados. O que a criança absorve do seu contexto nos primeiros cinco anos de sua vida ficará para a vida inteira.

De acordo com Vilhena (2009), a família pode ser pensada sob os diferentes aspectos: como unidade doméstica, assegurando as condições materiais necessárias à sobrevivência, como instituição, referência e local de segurança, como formador, divulgador e contestador de um vasto conjunto de valores, imagens e representações, como um

conjunto de laços de parentesco, como um grupo de afinidade, com variados graus de convivência e proximidade e de tantas outras formas. Existe uma multiplicidade de formas e sentidos da palavra família, construída com a contribuição das várias ciências sociais e podendo ser pensada sob os mais variados enfoques através dos diferentes referenciais acadêmicos.

A família desempenha esta influência tão importante na formação e no desenvolvimento da criança, devido à proximidade e ao afeto que existe entre elas. Por isso este acompanhamento familiar deve ser muito valorizado e estimulado. A sociedade precisa entender que, quando a família cuida de suas crianças, ela trabalha pela reprodução social. Durante os últimos vinte anos, ocorreram diversas mudanças no plano sociopolítico-econômico referente à globalização da economia capitalista. Estas mudanças têm interferido na estrutura familiar e possibilitado mudanças em seu padrão tradicional de organização (Marcondes & Sigolo, 2010).

Para Pereira (2010), as mais evidentes são: a diminuição da fecundidade, devido ao uso de métodos contraceptivos e esterilização; envelhecimento da população; redução de casamentos e aumento de separações e divórcios, ocasionando maior quantidade de pessoas vivendo sozinhas; aumento da taxa de coabitações, permitindo que as crianças adquiram outros valores, menos tradicionais; e maior número de família comandada por uma pessoa, principalmente mulheres, que têm sua profissão e por isto dispõe de menos tempo para cuidar da casa e dos filhos.

De acordo com o Dicionário Aurélio, a definição de família corresponde a: “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos; pessoas unidas por laços de parentesco, pelo sangue ou por aliança; ascendência, linhagem, estirpe” (Ferreira, 2010, p. 12).

Pode-se constatar que a família é um sistema de relações que atua conforme certos princípios básicos e que se desenvolve de um modo característico e complexo de acordo com um grande número de fatores que a influenciam. Portanto, apesar de se modificar com o passar dos anos, a família não perdeu sua função fundamental na vida das pessoas.

De acordo com Reinke (2006, p. 14):

A família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros e componentes. Esse processo dual de continuidade e crescimento permite o desenvolvimento

da família como unidade e, ao mesmo tempo, assegura a diferenciação de seus membros (...).

Portanto, a família não é uma entidade estática, mas está em constante processo de mudança, que podem ocorrer de forma positiva ou negativa, mas que podem influenciar de forma direta na educação dos filhos e na vivência em sociedade.

2.4.2. Papel da Família

A importância da família na vida da criança é relevante na medida em que assegura, ou deveria assegurar amparo, carinho e sobrevivência, independente da estrutura familiar. Através da publicação exposta pela sociedade capitalista, a educação familiar encontra-se em frente a diversas dificuldades, como ressalta Soares (2010), por meio de alegação ao consumo exacerbado, violência, e individualismo, atravessando a deseducar o ensino propagado por bons pais, tornando assim, filhos indisciplinados, autoritários, individualistas e alienados.

De acordo com Aparecida e Rebelo (2009) os principais afetos e dedicação por parte da família, terminam por entretecer três diferentes exemplos de pais inerentes à educação passada por eles aos seus filhos: os permissivos, os autoritários e os democráticos.

Segundo Soares (2010. p.3):

Quanto aos pais tolerantes, são afetuosos e procuram conversar com os filhos. Mas possuem obstáculos no controle aos limites, pois são muito flexíveis, chegando até mesmo a serem compreensivos em relação aos desejos e atitudes da criança. Conforme as autoras, os pais autoritários são aqueles que têm complicação de se comunicar com os filhos, além de comprovarem pouco afeto e serem bastante rígidos, reguladores e restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. As condutas são avaliadas a partir de rigorosos padrões preestabelecidos. Valorizam também a obediência às normas e regras por eles definidas, e não se preocupam em explicar às crianças as razões destas imposições nem consultá-las acerca do assunto. Já os pais democráticos mantêm um equilíbrio no controle das ações, principalmente no que condiz ao amadurecimento, independência, respeito, capacidades e sentimentos de seus filhos.

Educar é incumbência de toda a sociedade, e não apenas da escola ou da família. É necessário, autônomo do modelo de educação praticada, que está se inicie dentro da família.

Pois, como mostra Chalita (2011), a atuação da família e escola na educação da criança é fundamental, tanto para seu progresso quanto para sua conduta.

O papel da família na educação dos filhos é essencial, pois é através dela que são passados os valores e afetos. Abrindo espaço para os diálogos e educando assim para a vida, produzindo conhecimento voltado para a sociedade, superando o respeito ao próximo. E através desses valores que o caráter e a personalidade são produzidos, da mesma forma as marcas entre as descendências, como defende Chalita (2011). Além do diálogo, a proporção de experiências e saberes faz com que os pais construam uma educação repleta de valores básicos para que os filhos estejam aptos para “viver no mundo lá fora”.

Vasconcellos (2009, p. 123) defende o diálogo quando aponta, “É através da percepção, do estar junto, completo; querer saber como o filho está conduzindo seus êxitos, inquietações, perspectivas de vida, concepção de mundo, preocupações” que a família pode trocar conhecimentos. É relevante também que os valores sejam propagados pelo próprio modelo dos pais, pois quando somos honrados, justos e solidários, nossos filhos inclinam-se a apresentar os mesmos atributos.

Não se pode esquecer as fronteiras e regras que também necessitam estarem presentes na educação passada aos filhos. E estas necessitam estar explicadas pelos diálogos para que a criança compreenda os motivos das exigências impostas pelos pais. Mas para que isto ocorra, é considerável uma educação democrática, pois pais autoritários acabam por internalizar a obediência e submissão aos seus filhos. A postura dos pais diante dos filhos influencia diretamente na sua educação, pois a criança absorve tudo que lhe é passado, mesmo que esta não seja a compreensão dos familiares, por isso, é relevante muita atenção no modelo de comportamento dado a estas (Chalita, 2011).

Pode-se concluir assim que a construção dos valores e a preparação para a vida são de incumbência da família, repassando valores, experiências e conhecimentos. De acordo com Soares (2010), quando a criança não assemelha possuir princípios éticos, morais e um bom comportamento cobrados pela escola, defende-se a ideia de que estes não foram passados pela família, e que há a obrigação da escola remediar esta escassez.

Há uma intensa relevância na atuação dos pais na vida escolar dos filhos, como defende Vasconcellos (2009), pois a criança se sente importante e valorizada pelos pais, colaborando consideravelmente para seu aprendizado. É preciso participar do progresso

escolar da criança, como no reforço das tarefas de casa, atuação nas reuniões pedagógicas em que os pais são convidados, reuniões bimestrais e estímulos à leitura.

Segundo Parolin (2007), é decisivo para o avanço escolar e para o processo de ensino e aprendizado fora da escola também, que haja uma excelência no relacionamento entre a família e a escola. Onde a participação dos pais na educação dos filhos dentro da escola deve ser constante.

Além de ser certificado na Constituição e nas Diretrizes do Ministério da Educação. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, em seu artigo 12º, como mostra Soares (2010):

Engloba os deveres da família como uma das executoras pelo desenvolvimento educacional da criança, bem como a escola em originar processos de vínculo com a família, além de mantê-la notificada sobre sua proposta pedagógica e outras informações como frequência e aproveitamento do aluno (Soares, 2010, p. 14).

Mostrando assim que a educação é obrigação tanto da família quanto da escola, fazendo com que estas se unam, tentando solucionar ao máximo os conflitos existentes em prol do educando.

2.4.3. A Relação Família e Escola

Nos dias atuais, a criança tem sido inserida cada vez mais cedo na escola, por isso, família e escola devem atuar em parceria. O papel da escola é de proporcionar a aquisição de conhecimentos e educar para o convívio em sociedade. Libâneo (2010, p.29) afirma que:

A propagação de conteúdos é a tarefa fundamental. Não conteúdos teóricos, mas vivos, objetivos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. O reconhecimento da escola como ferramenta de adequação do saber é a melhor tarefa que se presta às ocupações populares, já que a própria escola pode colaborar para suprimir a seletividade social e torná-la democrática.

A escola e a família, assim como outras instituições, vêm passando por profundas transformações ao longo da história. Estas mudanças acabam por interferir na estrutura familiar e na dinâmica escolar de forma que a família, em vista das circunstâncias, entre elas

o facto de as mães e/ou responsáveis terem de trabalhar para ajudar no sustento da casa, tem transferido para a escola algumas tarefas educativas que deveriam ser suas.

A escola é assim parte integrante da sociedade. Quando agimos dentro dela, também agimos no rumo da transformação da sociedade. Assim, a escola servindo aos interesses populares vai garantir um bom ensino a todos. Carvalho (2009) relata que a família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, porque ela tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora e ela é uma das mediações entre o homem e a sociedade.

Portanto, a família tem o papel de transmitir valores e virtudes, é preciso ser firme quanto a isso. A atuação dos pais na vida escolar dos filhos tem mostrado um papel considerável no desempenho escolar. O diálogo entre a família e a escola, tende a contribuir para um equilíbrio na atividade escolar, porque a proximidade dos pais no estímulo diário dos professores faz uma enorme distinção nos resultados da educação nas escolas.

Por isso, a política educacional está cobrando a participação da família na gestão escolar democrática e participativa, pois envolve os familiares na proposta pedagógica e gera o pleno desenvolvimento do aluno. A escola sozinha não é responsável pela educação dos alunos. Cabe aos pais participar e ajudar. Eles podem participar do Conselho escolar, Associação de Pais e Mestres (APM) e das reuniões, porque a escola é um complemento da ação educativa e a família participando exercerá a democracia.

A família na vida de uma pessoa é simplesmente a base de tudo, porque o caráter e a formação da pessoa se baseiam na família e não estou falando da formação intelectual. A família nada mais é do que a base de nossa vida. Ela que cuida, nos apoia, dá conselho e literalmente nos forma para a vida. Por isso, ela deve estar preocupada com a administração da escola de seu filho, a qual deve formar cidadãos (Carvalho, 2009).

Na verdade, os pais são os primeiros mestres. A criança se espelha no comportamento dos pais. Mas infelizmente são poucos os casos em que os pais compartilham a responsabilidade sobre a vida escolar de seus filhos. Cury (2006) relata que os pais devem contar a sua história de vida para os filhos como exemplo, ele ainda fala da afetividade entre pais e filhos. Para esse autor é preciso estudar a emoção e produzir qualidade de vida e, quando os pais acompanham os filhos, ajudando nas tarefas, se informando sobre o comportamento dos mesmos e tentando participar ativamente das atividades escolares, projetos, reuniões entre outros, o filho se sente amado, importante e se dedica mais, se desenvolve melhor e quando a

escola funciona como quintal da casa pode desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio.

Desse modo, é necessário buscar compreender a dinâmica da relação família-escola, com destaque para a família como agente socializador, pois a escola enfatiza que os filhos aprendem valores, sentimentos e expectativas por influência dos pais. Família e escola devem, pois, caminhar juntas, pois muitas vezes a escola enxerga problemas que os pais não vêem, ou seja, ela vê dificuldades, facilidades e outras facetas na criança que em casa não eram observadas e nem se quer avaliadas, por isso a família deve ter um contato direto com a escola para que haja progresso na aprendizagem do educando. Ela deve participar do Projeto Político da escola, das reuniões, dos conselhos, da APM, quando tiver. Por isso, a família e a escola devem em que ensinar seus valores, tomando atitudes e contribuindo de forma adequada para que a nossa educação atual tenha mais resultados (Santos & Braga, 2010).

Portanto, dando importância à escola, os pais contribuirão para um bom desempenho do professor e mostrará interesse pela vida dos filhos, o que contribuirá muito no processo de ensino-aprendizagem do aluno. Muitas crianças têm dificuldades, tais como: dificuldades na escrita, na leitura, em cálculos, em se relacionarem com os colegas, com os professores, entre outros. E por isso, é necessário que os pais estejam atentos para qualquer problema na escola ou em casa, para contribuir na participação dos mesmos (Dias, 2010).

Qualquer pessoa que tenha uma criança sob sua responsabilidade deve acompanhar e cobrar um ensino de qualidade, participando dos eventos, festas, conselhos de classe e muitos outros projetos, observando se a escola está tendo uma gestão democrática participativa, se está abrindo caminhos para os pais participarem.

Tiba (2012, p. 184) afirma que é fundamental a parceria entre a família e a escola. Ele ainda defende a ideia de observar alguns aspectos da instituição como instalações físicas, recursos como biblioteca e sala de informática, o corpo de funcionários, a localização da escola e os alunos, ou seja, tudo deve estar adequado às necessidades de todos os interessados, pois assim irá favorecer o aprendizado, porque a criança vai gostar de estar na escola, vai querer aprender, ou seja, irá se sentir bem naquele ambiente.

A família deve cobrar das autoridades legais o direito da criança e do adolescente. As mães desejam ver seus filhos tendo sucesso, por isso tem que ter uma maior participação na gestão da escola que visa à participação social na organização de ações na formulação de

políticas educacionais. Já o contato com a família, ajuda a buscar soluções com a equipe para o bem-estar dos alunos e funcionários da instituição escolar e da comunidade em geral.

A participação dos pais não se resume em só deixar os filhos no portão da escola, mas em participar ativamente das reuniões, eventos e sempre procurar se informar sobre o comportamento da criança na escola. A educação começa em casa e o professor não é o único responsável.

Segundo Paro (2009) o pai não precisa saber ler para acompanhar o seu filho, mas se sentar do seu lado, conversar, observando o que a criança produziu durante o dia, com esse gesto, estará incentivando e ajudando na autoestima dela. Assim, os pais não precisam ter um nível intelectual tão alto. É óbvio que isso é muito bom, mas não é necessário.

É necessária uma boa interação com pais, alunos e funcionários da escola para um bom processo político e pedagógico. Mas será que somente os pais são responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar? Lógico que não, a escola e a família são ambos responsáveis. Cabe ao professor coordenar a estrutura do espaço de aprendizagem e o conhecimento do tempo que cada criança necessita, compreendendo suas condições e limites, além de observar se a criança tem algum tipo de problema, já aos pais cabe acompanhar as tarefas, o desempenho escolar, fiscalizar e cobrar melhor ensino na escola do filho, saber como é o funcionamento da mesma, entre outros (Paro, 2009).

O papel que a escola possui na construção dessa parceria é fundamental, devendo considerar a necessidade da família, levando-as a vivenciar situações que lhes possibilitem se sentirem participantes ativos nessa parceria. Vale ainda ressaltar que escola e família precisam se unir e juntas procurar entender o que é Família, o que é Escola, como eram vistas estas anteriormente e como são vistas hoje em dia, e ainda o que é desenvolvimento humano e aprendizagem, como a criança aprende etc., pois como diz Arroyo os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas (Arroyo, 2010).

Percebe-se desta forma que a interação família/escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno. Nesse sentido, faz-se necessário retomar algumas questões no que se refere à escola e à família tais como: suas estruturas e suas formas de relacionamentos, visto que, a relação entre ambas tem sido destacada como de extrema importância no processo educativo das crianças.

Numa gestão democrática, a direção é reconhecida pela sua competência e liderança de executar as vontades coletivas, daí a necessidade de se ter uma boa parceria entre a família e a escola. Também cabe ao professor colaborar em atividades que articulam a comunidade e a família, e que a escola deve informar aos pais sobre a execução de sua proposta pedagógica, porém convém lembrar que ainda existem muitas escolas que deixam tudo no papel, pois podemos observar que certas discussões só são realizadas no âmbito escolar com os diretores, professores e coordenadores, porque a escola quer assumir a maior parte da responsabilidade pelas situações de conflitos nela observadas. Contudo a gestão deve ser participativa e englobar a todos da comunidade em geral (Arroyo, 2010).

O professor e a família devem assim trabalhar juntos na busca de analisar situações e levantar características visando descobrir o que contribui ou não para a aprendizagem do aluno. Nunca há uma causa específica para os fracassos escolares, mais várias que interferem na vida do aluno, pode ser o desinteresse dos pais na política pedagógica da escola ou desinteresse do estudante, dentre outros (Vilhena, 2009).

Nesse contexto ressalta que a discussão da relação escola e família no meio acadêmico, escolar e social, não é uma causa atual. A nova dinâmica familiar impõe que tradicionais modelos e padrões seguidos por séculos se desfaçam em curto período. Uma das expressivas mudanças, que se refletiu diretamente na escola, é a nova concepção de família. Atualmente, existem famílias dentro de famílias, ou seja, não estão no contexto de pais, mães e filhos, também estão inseridos avós, tios e primos no mesmo âmbito estrutural.

Com o grande número de separações e os novos casamentos, aquele núcleo familiar mais tradicional tem dado lugar a diferentes famílias vivendo sob o mesmo teto. Esses novos contextos familiares geram, muitas vezes, uma sensação de insegurança e até mesmo de abandono, pois a ideia de um pai e de uma mãe cuidadores dá lugar a diferentes pais e mães gerenciadores.

Segundo Brambatti (2010, p. 4), o momento histórico em que nos encontramos tem alterado a configuração da vida familiar e tem abalado os padrões estabelecidos de Indivíduo, Família e Sociedade.

[...] Seres humanos e relações humanas foram lançados em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo. A redução do espaço e a intimidade forçada entre as pessoas vivendo em culturas em conflito exigem um novo entendimento, uma nova

Lindomar Jémison Moura Rodrigues - A participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI

visão das relações do homem com o homem e do homem com a sociedade.

De acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), 48% dos domicílios organizam-se de forma que no mínimo um dos pais está ausente. Ou seja, quase metade das famílias brasileiras não corresponde mais ao modelo secular pai, mãe e filhos. Somada a isso está à redução do tempo livre familiar, consequência das exigências do competitivo mercado de trabalho e o modelo nuclear de família, onde há pouco contato com outros grupos, como parentes. Isso faz com que a escola seja o meio do caminho entre a família e a sociedade.

Porém, tanto a família quanto a escola precisam se adequar a estes novos papéis, sem demandar responsabilidade excessiva ao outro, nem ignorar a importância da sua participação no processo educacional, salientando que a comunicação entre estes dois atores sociais é imprescindível tanto quanto a aceitação e compreensão das suas diferenças. Observa-se que uma das mudanças mais significativas é nova estrutura familiar, onde aquela família tradicional constituída por pai, mãe e filho tornou-se raridade.

De acordo com Brambatti (2010), no que se refere à família, é necessário dizer que a historiografia brasileira nos leva a concluir que não existe um “modelo de família” e sim uma infinidade de modelos familiares, com traços em comum, mas também guardando singularidades. É possível dizer que cada família possui uma identidade própria, trata-se na verdade, como afirmam vários autores, de um agrupamento humano em constante evolução, constituído com o intuito básico de dispor a subsistência de seus integrantes e protegê-los.

A escola pode ser pensada como o meio do caminho entre a família e a sociedade. Neste delicado lugar, tanto a família quanto a sociedade lançam olhares e exigências à escola. No que se refere à família, é necessário dizer que a historiografia brasileira nos leva a concluir que não existe um “modelo de família” e sim uma infinidade de modelos familiares, com traços em comum, mas também guardando singularidades.

É possível dizer que cada família possui uma identidade própria, trata-se na verdade, como afirmam vários autores, de um agrupamento humano em constante evolução, constituído com o intuito básico de prover a subsistência de seus integrantes e protegê-los. Estão presentes dessa maneira, sentimentos pertinentes ao cotidiano de qualquer agrupamento como amor, ódio, ciúme, inveja, entre outros. Em relação às expectativas da família com relação à escola com seus filhos encontram-se várias fantasias familiares como

o desejo de que a instituição escolar “eduque” o filho naquilo que a família não se julga capaz, como, por exemplo, limite e sexualidade; e que ele seja preparado para obter êxito profissional e financeiro, via de regra, ingressando em uma boa universidade (Brambatti, 2010).

Embora bem delimitadas as diferenças entre casa e escola, passou-se a buscar mais o apoio desta, entendendo-se a eficácia da ação normalizadora da escola sobre crianças e jovens quando respaldadas pelo conhecimento e aquiescência da família. A respeito disso, reservavam-se à escola, os direitos sobre o conhecimento científico acerca das áreas disciplinares, como também sobre aqueles que diziam respeito aos processos de aprendizagem das crianças e adolescentes, conhecimentos estes informados pela biologia, psicologia e ciências sociais preservando a escola, desta forma, seu lugar de autoridade no gerenciamento das questões pedagógico-educacionais (Vilhena, 2009).

Hoje em dia vive-se outro tempo, bem mais complexo, diverso e inquietante do que há algumas décadas. A escola enfrenta, além do desafio frente ao domínio do conhecimento, em permanente mudança, também o desafio da relação com seus alunos, sejam eles crianças pequenas ou jovens. Sem dúvida esse contexto é perpassado por questões de diferentes naturezas, entre as quais os dilemas do desempenho curricular a serem propostos na contemporaneidade, os impasses da escolha dos encaminhamentos metodológicos mais adequados às relações de ensino, os limites e possibilidades da manutenção de uma relação professor aluno com qualidade e a família é considerada peça-chave nesse momento de crise.

Conforme Chechia e Andrade (2012) ao lado da família, a escola permanece sendo um espaço de formação que deve, para tanto, repensar a sua ação formadora, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar. É, portanto, na escola, refletindo sobre o que há para ser ensinada às crianças sobre a metodologia que pode tornar mais coesa a ação do conjunto docente, que a escola poderá encontrar saídas legítimas à superação dos problemas morais e éticos que assolam o seu dia a dia.

Nesse sentido, sem abdicar do lugar reservado ao ensino formal, é preciso que os espaços destinados à formação dos educadores no interior da escola deem, também, prioridade à reflexão político-filosófica sobre os sentidos e possibilidades da ação educacional para que se possa desta feita, recuperar ou constituir um novo ideário para a escola.

A escola não é a única instância de formação de cidadania. Mas, o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade depende cada vez mais da qualidade e da igualdade de oportunidades educativas. Formar cidadãos na perspectiva aqui delineada supõe instituições onde se possa resgatar a subjetividade inter-relacionada com a dimensão social do ser humano, em que a produção e comunicação do conhecimento ocorram através de práticas participativas e criativas.

Para Brambatti (2010), definindo escola como uma instituição social que se caracteriza como um local de trabalho coletivo voltado para a formação das jovens gerações, diferente de outras tantas instituições sociais, constata-se que a escola é responsável pela educação escolar, é um espaço destinado ao trabalho pedagógico formal, ao entendimento de regras, à formação de valores éticos, morais e afetivos, ao exercício da cidadania. A escola como instituição busca através de seu ensino, que seus alunos possam assumir a responsabilidade por este mundo, como diz Castro (2012, p. 1):

Ultrapassa os desejos individuais e esta responsabilidade só poderá advir, através do enlaçamento entre conhecimento, e ação, entre o saber e as atitudes, entre os interesses individuais e sociais. A escola como um novo modelo, irá ampliar o mundo dos alunos, convidando-os a olhar suas experiências com outra lente, que não a familiar, o que alterará os significados já conhecidos. A escola pública tem mais fortemente, então, a responsabilidade da apresentação de conceitos e conteúdos herdados de nossa cultura, pois muitas crianças só terão acesso a esta herança, através de sua passagem pela escola, que deve então, abrir caminhos de acesso à cultura de maneira igualitária para todos e neste sentido, lutar contra os privilégios de uma classe social. Todo educador enquanto mediador do vínculo entre aluno e a cultura, entre a escola e a família, está, mergulhados e comprometidos nesta rede de interesses dos dominantes e dos dominados.

Existem escolas que trabalham visivelmente no objetivo de reprodução dos valores e ideologias dominantes, outras tem uma posição mais crítica, mas todas assumem posições políticas, pois a escolha dos conteúdos a serem ensinados, o estilo e o método deste ensino, suas regras, sua maneira de avaliar, de receber a família etc., traduzem os objetivos das instituições, deixando claras as opções e desvelando seus interesses mais específicos.

Segundo Rocha e Macedo (2012, p. 26):

A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é, da melhor forma possível, sem mistificações, sem

deformações, em sentido de aceitação social. Assim, a ação educativa deve incidir sobre a realidade pessoal do educando, tendo em vista explicitar suas possibilidades, em função das autênticas necessidades das pessoas e da sociedade (...). A influência da Família, no entanto, é básica e fundamental no processo educativo do imaturo e nenhuma outra instituição está em condições de substituí-la (...) A educação tem uma razão social primordial para formação do ser, como crítico e praticante da cidadania e família tornam-se fundamental no processo educativo e formação deste aluno.

2.4.4. Gestão Escolar

A organização escolar é concebida como um sistema que agrega pessoas, considerando o caráter intencional de suas ações e as interações sociais que estabelecem entre si e com o contexto sociopolítico, nas formas democráticas de tomada de decisões. A organização escolar não é algo objetivo, elemento neutro a ser observado, mas construção social levada a efeito pelos professores, pelos alunos, pelos pais e até por integrantes da comunidade próxima. O processo de tomada de decisões dá-se coletivamente, possibilitando aos membros do grupo discutir e deliberar, em uma relação de colaboração (Libâneo, Oliveira & Toschi, 2009).

A organização escolar passou por vários momentos e características. Dentre elas destaca-se a autoridade e as formas democráticas de gestão. A organização dos processos assume diferentes modalidades, conforme a concepção de gestão que se segue. Segundo os autores Libâneo, Oliveira e Toschi (2009), duas concepções de gestão escolar tiveram e estão em destaque na educação brasileira: a concepção técnico-científica, também conhecida como técnico-racional e a concepção sócio crítica. Estas assumem papel importantíssimo e de destaque durante todos os processos de evolução e retrocessos da gestão escolar.

A concepção técnico-científica tem características burocráticas e tecnicistas, a direção centraliza-se em apenas uma pessoa, sendo que as decisões vêm de cima para baixo para os professores e demais membros da comunidade escolar, basta cumprir um plano pré-elaborado, sem a efetiva participação dos indivíduos que compõem a escola. A realidade escolar é objetiva, neutra e técnica e é planejada, organizada e controlada para alcançar maiores índices de eficiência e eficácia.

Assim, a concepção técnico-científica, [...] baseia-se na hierarquia de cargos e de funções, nas regras e processos administrativos, para a racionalização do trabalho e a

eficiência de serviços escolares. “A versão mais conservadora dessa concepção é denominada de administração clássica ou burocrática” (Libâneo, Oliveira & Toschi, 2009, p. 324). Pode-se dizer que essa é a forma de gestão mais encontrada nas escolas, embora já existam experiências com outras concepções, entretanto pouco se faz para que estas concepções e experiências venham fazer parte de uma organização escolar diferenciada. A concepção democrático-participativa, conforme Libâneo, Oliveira, Toschi (2009, p. 325):

Baseia-se na relação orgânica entre a direção e a participação dos membros da equipe. Acentua a importância da busca de objetivos comuns assumidos por todos. Defende uma forma coletiva de tomada de decisões. Entretanto uma vez tomada às decisões coletivamente, advoga que cada membro da equipe assumira sua parte no trabalho, admitindo a coordenação e a avaliação sistemática da operacionalização das deliberações.

Nessa concepção, além de democrática em seu processo, a escola é também participativa, abre espaço para que a comunidade em geral, possa envolver-se na tomada de decisões e na construção de objetivos. Desta forma o trabalho flui democraticamente e coletivamente sem que uma pessoa se sobressaia à outra. Esta forma de gestão se opõe as formas de subordinação e dominação e leva em consideração o contexto social e político, a construção de relações sociais humanas e justas e a valorização do trabalho coletivo.

2.5. O Papel do Gestor

O gestor é o articulador da gestão pedagógica e um dos responsáveis pelo apoio pedagógico. Sua função envolve atividades de mobilização, de motivação e de coordenação. Gerir uma escola significa colocar em prática os elementos do processo organizacional, planejamento, organização e avaliação. Esse profissional deve representar uma liderança pedagógica que apoie o estabelecimento das prioridades, avaliando, participando na elaboração de programas de ensino e de programas de desenvolvimento e capacitação de funcionários (Libâneo, 2010).

É através desse processo de avaliação que o gestor deve interagir dialogando com os professores e pedagogos para perceber se a metodologia de ensino e os conteúdos trabalhados estão proporcionando ao aluno a construção de conhecimentos significativos e auxiliando-os em sua transformação social. Por meio dessa ação o gestor será capaz de conhecer melhor a escola que dirige e os profissionais que nela atuam, pois, refletindo sobre

a avaliação escolar, reflete-se sobre a transformação e caminha-se ao encontro de novas reflexões para ajudar o aluno a construir seu conhecimento (Soares, 2010).

Portanto, é importante considerar as reais finalidades da avaliação escolar em uma perspectiva transformadora, pois o ideal é que a avaliação tenha como principal propósito: analisar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, a fim de regulá-las, auxiliando assim na tomada de decisões.

Diante disso, é preciso compreender que ao utilizar a avaliação, essa não deve ser um instrumento para classificar os melhores alunos de uma sala de aula ou taxá-los de incapazes ou fracos perante os outros, mas muito pelo contrário, a avaliação deve ser vista como um conjunto de ações que visa buscar informações sobre o processo de aprendizagem para que assim o educador possa ter elementos suficientes para rever sua prática de forma contínua, se auto avaliando e refletindo sobre o processo de reavaliação dos alunos que não apresentaram resultados satisfatórios, pensando em outros modos de auxiliá-los em sua aprendizagem (Lück, 2008).

A avaliação escolar deve ser um processo que leve à emancipação social e à democratização da sociedade. Um instrumento que contribua para o entendimento de como são produzidas as políticas educacionais no contexto escolar e para auxiliar na percepção de como a escola deve funcionar de forma articulada, através da qual os profissionais e demais envolvidos no processo de ensino aprendizagem trabalhem juntos (Lück, 2008).

Assim, faz-se necessário uma gestão que assuma suas funções e tenha uma visão geral da escola a qual envolve as dimensões administrativas, pedagógicas, financeiras e comunitárias em prol de uma educação de qualidade e colocando em ação as decisões tomadas em conjunto, bem como discutir os objetivos que regem seu Projeto Político Pedagógico.

Portanto, o gestor é responsável pelo desenvolvimento das relações no interior da escola e de proporcionar a reflexão do “como” avaliar as condições fundamentais para que essa instituição participe e contribua para uma sociedade dinâmica e em busca da transformação contínua. Assim, esse processo exige dos sujeitos envolvidos neste contexto e em especial do gestor muita agilidade, criatividade e organização para a elaboração de um planejamento que possibilite direcionar as tomadas de decisões rumo aos objetivos que se pretende alcançar. É nessa perspectiva que se pensa o planejamento coletivo na gestão escolar e a avaliação escolar.

A avaliação é um processo que visa refletir sobre a realidade escolar, sobre os problemas que apresenta, sobre os saberes que devem proporcionar a seus alunos e sobre os conflitos encontrados em determinadas situações. O gestor então, com uma ação dinâmica, deve explicitar os propósitos da escola e suas relações com a sociedade. Este diálogo deve ter a finalidade de melhorar o desempenho do trabalho escolar, como de possibilitar uma reflexão mais eficaz no redimensionamento das práticas pedagógicas (Castro, 2012).

Sabe-se que a avaliação escolar não é uma tarefa fácil e exige a busca do conhecimento sobre o processo de avaliar, como também do saber acerca do sistema educacional e a respeito das dificuldades a serem enfrentadas tanto no ato de ensinar como no de aprender e no de avaliar.

Nesse sentido Hoffmann (2007, p. 27) afirma:

A todo o momento em que se debate avaliação da aprendizagem, ocorrem também manifestações de desassossego sobre as cruéis condições das salas de aula em todo país. [...] Muitas e muitas vezes na impossibilidade de observar e cuidar de cada um, o olhar vagueia pelo todo, abarcando o grupo, na superfície do coletivo. Desiste-se do envolvimento com cada aluno, antevendo a dificuldade que isso representa.

Por fim, percebe-se a importância do trabalho da gestão escolar no processo de avaliação, ou seja, quando uma gestão é voltada a democracia certamente essa contribuirá para a superação das contradições da sociedade em que se vive e ajudará no processo contínuo da transformação e construção de uma sociedade mais igualitária.

2.5.1. A Participação da Família e a Gestão Democrática

Família e escola devem, pois, caminhar juntas, pois muitas vezes a escola enxerga problemas que os pais não veem, ou seja, ela vê dificuldades, facilidades e outras facetas na criança que em casa não eram observadas e nem se quer avaliadas, por isso a família deve ter um contato direto com a escola para que haja progresso na aprendizagem do educando. Ela deve participar do Projeto Político da escola, das reuniões, dos conselhos, da APM, quando tiver. Por isso, a família e a escola devem em que ensinar seus valores, tomando atitudes e contribuindo de forma adequada para que a nossa educação atual tenha mais resultados (Soares, 2010).

Portanto, dando importância à escola, os pais contribuirão para um bom desempenho do professor e mostrará interesse pela vida dos filhos, o que contribuirá muito no processo de ensino-aprendizagem do aluno. Muitas crianças têm dificuldades, tais como: dificuldades na escrita, na leitura, em cálculos, em se relacionarem com os colegas, com os professores etc. E por isso, é necessário que os pais estejam atentos para qualquer problema na escola ou em casa, para contribuir na participação dos mesmos.

Qualquer pessoa que tenha uma criança sob sua responsabilidade deve acompanhar e cobrar um ensino de qualidade, participando dos eventos, festas, conselhos de classe e muitos outros projetos, observando se a escola está tendo uma gestão democrática participativa, se está abrindo caminhos para os pais participarem.

Tiba (2012, p. 184) afirma que:

É fundamental a parceria entre a família e a escola. Ele ainda defende a ideia de observar alguns aspectos da instituição como instalações físicas, recursos como biblioteca e sala de informática, o corpo de funcionários, a localização da escola e os alunos, ou seja, tudo deve estar adequado às necessidades de todos os interessados, pois assim irá favorecer o aprendizado, porque a criança vai gostar de estar na escola, vai querer aprender, ou seja, irá se sentir bem naquele ambiente.

A família deve cobrar das autoridades legais o direito da criança e do adolescente. As mães desejam ver seus filhos tendo sucesso, por isso tem que ter uma maior participação na gestão da escola que visa à participação social na organização de ações na formulação de políticas educacionais. Já o contato com a família, ajuda a buscar soluções com a equipe para o bem-estar dos alunos e funcionários da instituição escolar e da comunidade em geral.

O sucesso da escola depende de uma boa administração. A equipe escolar e a comunidade devem buscar soluções para um melhor desempenho. É necessário ter integração entre a comunidade, professores, gestor, orientador educacional e todos os funcionários da escola. Na educação houve uma mudança da palavra administração para o termo “Gestão”, ambos são sinônimos, porém possui fins diferentes. Para se obter uma abordagem ampla a respeito da Gestão Democrática, iremos definir alguns termos, para se entender o processo de democratização da escola.

Segundo Libâneo (2010, p. 78), a “gestão é a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente

os aspectos gerenciais e técnicos administrativos”. A organização escolar agrega pessoas e, a gestão é, portanto, um elemento favorecedor para que se alcancem os objetivos da instituição, pois conforme explica Libâneo (2010, p. 55) “a organização e os processos de gestão, incluindo à direção, diferentes significados conforme a concepção que se tenha dos objetivos da educação em relação à sociedade e à formação dos alunos”.

Numa direção autoritária a mesma é centralizada numa pessoa, onde se cumpre um plano elaborado previamente, sem a participação da comunidade escolar. Porém, numa concepção participativa e democrática, a gestão está centrada no coletivo ou no indivíduo, ou seja, há participação dos professores, pais e alunos.

De acordo com Lück (2008, p. 8) “a gestão escolar constitui uma dimensão cujo objetivo é promover a organização de todas as condições humanas e materiais necessários para garantir o avanço dos processos socioeducativos das instituições de ensino.” Isso quer dizer, que compete à gestão escolar estabelecer a mobilização e o direcionamento capazes de sustentar e dinamizar a cultura das escolas e é através desta gestão que observamos os problemas nas escolas e na educação.

O termo “democracia” significa, de acordo com Ferreira (2010, p. 291) “1- Governo do povo, soberania popular. 2- Doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder”.

Cury (2006, p. 173) declara que a gestão democrática da educação é, “ao mesmo tempo, transparência e impessoalidade, autonomia e participação, trabalho coletivo e liderança, representatividade e competência”. Vemos que a gestão democrática expressa a vontade de crescer, tanto dos cidadãos, quanto da sociedade, logo, ela representa uma administração concreta, que nasce e cresce com o indivíduo.

Gadotti (2010, p. 46) afirma que há pelo menos duas razões que justificam a implantação de um processo de gestão democrática. a primeira dessas razões é porque a escola deve formar para a cidadania e a segunda razão consiste no facto de que a gestão democrática pode melhorar o que é específico da escola: o ensino. A participação pertence à própria natureza do ato pedagógico.

Por isso, é importante observar a participação da comunidade no processo de gestão escolar. A Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996, p. 7) estabelece a respeito da Gestão Democrática que os sistemas de ensino definirão as normas da Gestão Democrática do ensino

público na Educação Básica, de acordo com suas peculiaridades, conforme os seguintes princípios:

- I - Participação dos profissionais da educação no projeto político pedagógico da escola.
- II - Participação das comunidades escolar e local em Conselhos Escolares ou equivalentes (LDB, Art.14).

Portanto, a gestão democrática está associada à transformação da escola. É necessário ter uma boa gestão democrática na instituição, onde permitam que os pais participem ativamente na vida escolar da criança, acompanhando reuniões, sugerindo projetos, participando de conselho de classe, entre outros.

Quanto à participação da família na escola, Paro (2009, p. 17) explica que a participação da comunidade na escola, como todo processo democrático, é um caminho que se faz ao caminhar, o que não elimina a necessidade de se refletir previamente a respeito dos obstáculos e potencialidades que a realidade apresenta para a ação. [...] “a democracia só se efetiva por atos e relações que se dão no nível da realidade concreta”.

Ainda de acordo com Paro (2009) é bom enfatizar que, quando se fala em participação da comunidade, estamos preocupados com a participação na tomada de decisões, mas isso não elimina a participação na execução, ela é entendida como partilha do poder. Sendo assim, vemos a necessidade de participar na tomada de decisões da escola de nossas crianças, realizando um acompanhamento escolar, no qual os pais têm a oportunidade de dar opiniões, ideias e acabam deixando as críticas de lado e valorizando a instituição.

Autonomia e participação são palavras-chave para uma boa gestão. O significado de autonomia, segundo Ferreira (2010, p. 155) é: “1) Faculdade de se governar por si mesmo. 2) O direito ou faculdade que tem uma nação de se reger por leis próprias”.

Segundo Paro (2008, p. 113), “pode-se entender a autonomia escolar como se referindo a duas dimensões que se interpenetram, autonomia pedagógica e autonomia administrativa, nesta incluída a autonomia financeira”.

Vale lembrar que a autonomia da escola é um exercício da democratização. O objetivo da autonomia é buscar qualidade e valorizar o trabalho desenvolvido na instituição. Então, falar em gestão democrática nos remete em pensar em autonomia e participação, porque quando se fala em autonomia, está-se defendendo uma independência da comunidade escolar e liberdade coletiva para discutir, planejar, construir e executar o

projeto político pedagógico. A participação dos pais não se resume em só deixar os filhos no portão da escola, mas em participar ativamente das reuniões, eventos e sempre procurar se informar sobre o comportamento da criança na escola. A educação começa em casa e o professor não é o único responsável.

Segundo Paro (2009, p. 31):

O pai não precisa saber ler para acompanhar o seu filho, mas se sentar do seu lado, conversar, observando o que a criança produziu durante o dia, com esse gesto, estará incentivando e ajudando na autoestima dela. Assim, os pais não precisam ter um nível intelectual tão alto. É óbvio que isso é muito bom, mas não é necessário.

É necessária uma boa interação com pais, alunos e funcionários da escola para um bom processo político e pedagógico. Mas será que somente os pais são responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar? Lógico que não, a escola e a família são ambos responsáveis. Cabe ao professor coordenar a estrutura do espaço de aprendizagem e o conhecimento do tempo que cada criança necessita, compreendendo suas condições e limites, além de observar se a criança tem algum tipo de problema, já aos pais cabe acompanhar as tarefas, o desempenho escolar, fiscalizar e cobrar melhor ensino na escola do filho, saber como é o funcionamento da mesma, dentre outras (Castro, 2012).

O professor e a família devem assim trabalhar juntos na busca de analisar situações e levantar características visando descobrir o que contribui ou não para a aprendizagem do aluno. Nunca há uma causa específica para os fracassos escolares, mais várias que interferem na vida do aluno, pode ser o desinteresse dos pais na política pedagógica da escola ou desinteresse do estudante, entre outras.

Pode afirmar-se que a participação da comunidade é de suma importância para programar o projeto político pedagógico e para que todos participem. Sendo assim, o PPP (Projeto Político Pedagógico) deve ter o envolvimento de todos e ser elaborado em sintonia com as diretrizes da educação, conforme a LDB. O PPP deve expressar o resultado do planejamento, dos procedimentos a serem adotados visando gerar a aprendizagem dos alunos. Diante disso, podemos enfatizar que a participação da comunidade é de suma importância para a implementação do PPP e cabe à equipe gestora encontrar mecanismos que favoreçam esse envolvimento (Libâneo, 2010).

Por isso, Paro (2009, p. 47) destaca que “se há interesse na participação da comunidade na escola, tem-se que levar em conta como as pessoas que ali atuam, devem pensar e agir, se elas incentivam ou impedem essa participação dos usuários”.

A gestão democrática remete-nos a uma forma de organização da escola. Para se obter uma boa gestão é necessário haver participação e democracia, pois a participação é democracia é uma gestão de todos.

Quando há a participação de todos, o comprometimento e envolvimento se ampliam. A democracia é necessária, para que cada um se expresse se posicione e participe ativamente. Pais, alunos, representantes da comunidade, professores e os gestores têm direito a voz, ao voto e de interferir nas decisões da escola. Só que infelizmente, ainda existem gestores que mantêm a forma tradicional e muitas vezes produzem um trabalho de baixa qualidade. A escola precisa ser renovada, não pode continuar se mantendo no tradicionalismo, todos devem participar, pois a participação é exercício da cidadania (Vasconcellos, 2009).

O gestor está à frente de agentes educacionais, porque possui uma significativa responsabilidade, ele exerce forte influência de acordo com o seu desempenho, sobre toda a escola e a comunidade. Ele tem em suas mãos a nobre tarefa de desempenhar o seu papel de líder, por isso a escola precisa ser muito bem administrada.

O papel do gestor consiste na garantia do processo de formação humana e de uma instituição eficiente. De acordo com Libâneo (2010) as funções de um diretor são: organizar, coordenar e gerenciar as atividades escolares. Mas ele sempre deve atender às leis, regulamentos e determinações dos órgãos superiores de ensino e às decisões no âmbito escolar assumidas por toda equipe escolar e, também, pela comunidade. O gestor precisa articular os serviços da escola de acordo com os interesses da comunidade.

Conforme Libâneo (2010, p. 180) o exercício da direção depende de algumas habilidades do gestor, as quais são:

- Autoridade: poder delegado ao gestor para coordenar e dirigir as medidas tomadas coletivamente. Essa autoridade deve ser descentralizada, atribuindo-se tarefas aos demais membros da equipe educacional.
- Decisão: capacidade de escolher uma medida adequada para a situação real.
- Responsabilidade: obrigação, estar em condições de responder pelos atos praticados.
- Iniciativa: ter capacidade crítica e criadora para solucionar os problemas encontrados no âmbito escolar

Lindomar Jémison Moura Rodrigues - A participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI

- Disciplina: habilidade de conciliar a conduta individual com os regulamentos, normas, interesses escolares e sociais, assumidos coletivamente.

Todas essas habilidades são importantes para o gestor, pois assim ele fará de sua prática a construção de uma gestão eficiente para uma educação de melhor qualidade. Percebe-se assim que organizar o trabalho pedagógico de uma escola não é fácil e requer uma formação de boa qualidade. O gestor deve lembrar que ele foi um educador e já gerenciou conflitos na escola. Sua função é abrangente, muitos seguirão seu modelo, mesmo não sabendo se ele está certo ou não em suas decisões.

As contribuições do gestor abrangem todo o ambiente educacional. Se o educando crescer, pode-se perceber o crescimento da escola. O gestor precisa lutar para que o crescimento abranja todos os educandos e a comunidade, fazendo com que haja enriquecimento na sociedade e que os alunos estejam capacitados para fazer a diferença. Os pais devem cobrar uma boa gestão e principalmente que ela seja participativa e democrática (Lück, 2008).

Mas para isso é de fundamental importância o modo como o gestor e a escola se organizam, como garantem a comunicação e facilitam a formação cívica do estudante e sua família, o qual deve trazer a família para a escola para ter uma maior contribuição em sua gestão e garantir o sucesso da mesma.

Não há muito tempo, a política educacional não englobava a atuação da família, entretanto, esta política de atuação está expandindo seu raio de ação para além da escola, especificando a contribuição da família no sucesso escolar. O gestor pode propor uma educação efetiva voltada para a participação dos pais.

Conforme Passos (2011) há muitos caminhos para desempenhar uma gestão democrática ou uma organização e projetos políticos próprios, que visam definir as diretrizes e os princípios da mesma e envolver a comunidade escolar para criar novas estratégias, convidando toda a comunidade para elaborar o PPP e tudo o que envolva uma boa parceria entre família e escola. Mas esses caminhos devem ser analisados para proporcionar o melhor para o educando, para a família e para os funcionários. Portanto é muito importante que o diretor seja um professor com formação específica para o cargo, com competências nas áreas administrativas e financeiras, mas também que seja um bom administrador de recursos humanos.

Numa gestão democrática, a direção é reconhecida pela sua competência e liderança de executar as vontades coletivas, daí a necessidade de se ter uma boa parceria entre a família e a escola. Também cabe ao professor colaborar em atividades que articulam a comunidade e a família, e que a escola deve informar aos pais sobre a execução de sua proposta pedagógica, porém convém lembrar que ainda existem muitas escolas que deixam tudo no papel, pois podemos observar que certas discussões só são realizadas no âmbito escolar com os diretores, professores e coordenadores, porque a escola quer assumir a maior parte da responsabilidade pelas situações de conflitos nela observadas. Contudo a gestão deve ser participativa e englobar a todos da comunidade em geral.

2.5.2. Ações entre a família e a escola para desenvolver uma melhor interação e aprendizagem

Neste tópico, mostrarei a importância de uma relação saudável e indispensável entre a família e escola em relação ao educando e sua formação como cidadão. E o que pode ser feito para que estas caminhem juntas no processo de ensino e aprendizado do mesmo. Atualmente, sabemos que o papel da família e da escola na vida do educando é de cunho educacional, adquirindo assim a necessidade que caminharem juntas neste processo.

A família exerce um papel determinante da educação de seus filhos. Sendo importante para a formação de valores, caráter e princípios éticos. Na escola, o indivíduo será instruído, agregando também diferentes valores e experiências.

Porém, como mostra Maximo (2011), a família nem sempre foi reconhecida como agente educador. Essa relação entre a família e a escola sempre foi espaço de conflitos e disputas. A família, desde o século XVIII, vem se tornando descapitada pelo Estado no que diz respeito à educação de sua sucessão, atribuindo assim apenas assistência à escola. Além de desacreditar no caráter educativo da família, instituíram um espécime de família considerado exemplar, consequentemente, padronizando as mesmas.

Ao longo do percurso histórico da família, é notório que esta sempre foi considerada insuficiente no que diz respeito à educação de seus filhos. Após a materialização do ensino público no Brasil, houve a necessidade da reciprocidade de pais, alunos e instituição escolar no que se refere às políticas de educação. A escola não abdicou da família para a formação moral dos indivíduos. Cabendo à escola o papel de instruir e reforçar os bons costumes, devendo assim, como mostra Maximo (2011), ensinar aos pais como educar seus filhos.

A participação da família na educação dos filhos é de extrema importância, porque a educação já vem de berço como dizem os mais velhos. A família é um exemplo que vai acompanhar a criança e ela quando adulta, vai transmitir aos filhos muito do que lhe foi passado, como as virtudes, educação, ensinamentos, entre outros. Muito do que ela recebeu em seu lar será transmitido e irá contribuir para o seu aprendizado. A partir do momento que os pais transmitem amor, segurança e respeito, ela também fará a mesma coisa (Pereira, 2010).

Os pais em função da sua importância devem estar presentes na escola nas atividades, reuniões, etc. Porque precisam saber como o filho está na escola, precisam saber como a escola está funcionando, o que podem fazer para melhorar o desempenho de seus filhos. Enfim precisam dialogar com os filhos e orientá-los de forma coerente, saber da sua reação com os colegas para depois procurar o professor e não ter surpresas.

Cury (2006, p. 60) afirma que “se ensinarem os filhos a fazer palco da sua mente um teatro de alegria e não um de terror, você estará instruindo seu filho a sempre estar de bem com a vida e a compartilhar alegrias com todas as pessoas ao seu redor.” Mas se você fizer um terror, eles se sentirão pessimistas e negativos, passando isso adiante. Se eles crescerem com bons pensamentos irão se relacionar bem e saberão enfrentar as dificuldades que surgirem na sua vida.

Portanto, os pais devem elogiar os filhos e se eles não estiverem bem na escola, devem procurar saber o porquê das notas baixas, do desinteresse nas aulas ou das tarefas incompletas, entre outros. A amizade dos pais com os filhos é o melhor caminho para superar divergências, favorecendo o alcance do sucesso na vida. Se a criança é bloqueada em suas ideias, se torna negativa, por isso a necessidade de registrar ideias positivas, pois a qualidade de vida depende do que se vivencia.

Os filhos necessitam de incentivos e de elogios para que se sintam motivados e capazes de construir seus conhecimentos. Os pais devem proporcionar uma boa educação aos filhos, ingressando-os na sociedade, para torná-los um cidadão de bem. A criança aprende a conviver respeitar e formar sua própria identidade e essa transformação depende de todos ao seu redor. A família ganha muito colaborando com os professores.

Paro (2009, p. 60) relata que para levar as crianças a querer aprender “é preciso, acima de tudo, fazer o aprendizado interessante e prazeroso e renunciar à prática antiquada e ineficaz de fazer belos discursos sobre a importância de aprender para o futuro”. Logo, os pais e os professores devem levar a criança a aprender, embora não seja uma tarefa fácil.

Deve-se fazer com que o ambiente seja agradável, porque as crianças querem ser felizes e não se importam com o amanhã e sim com o agora.

Quando o pai se torna participante ativo na vida dos filhos, fica mais fácil transmitir segurança para enfrentar os desafios. Embora seja necessário analisar que existem filhos de pais separados, alunos criados por avós, mesmo assim é família e precisa participar na vida escolar do aluno e a família deve perceber os anseios, dificuldades e construções da criança, pois como afirma Rocha e Macedo (2012, p. 143) “quando os pais valorizam as boas atitudes dos filhos reforça nas crianças a vontade de continuar fazendo o bem. A criança tem nos pais o seu maior referencial e procura sempre sua aprovação”.

Assim, a criança aprende a conviver, respeitar e formar sua própria identidade e essa transformação depende de todos ao seu redor e em especial dos pais para a aprendizagem ser bem desenvolvida e explorada deve haver democracia e participação, inclusive dentro do lar porque assim a criança se tornará um cidadão de bem que lutará pelos seus direitos.

Contudo, para que a parceria entre a família e escola se efetive, a escola deve cumprir a proposta pedagógica apresentada à família, dar liberdade ao aluno para se manifestar na comunidade escolar, abrir a porta da escola aos pais, receber os pais com prazer e esclarecer sobre o desenvolvimento do aluno. Também deve manter professores e recursos atualizados, ter uma boa administração para oferecer um ensino de qualidade, pais e professores deve ser bons companheiros na caminhada da formação educacional da criança.

A família deve escolher bem a escola para o educando, que seja de confiança e atenda as necessidades de todas as partes, manterem diálogo com o filho sobre o que está acontecendo no dia a dia da escola, cumprir as regras estabelecidas na escola e orientar o filho para cumprir também, ensinar a respeitar todos os funcionários de forma igualitária, deixar que os filhos resolvam por si só alguns problemas que possa surgir na escola e, assim, estará contribuindo para a socialização do aluno, valorizar o contato com todo o quadro de funcionários da escola, em especial para saber sobre o desenvolvimento do seu filho. Assim, a aprendizagem será bem desenvolvida (Chechia & Andrade, 2012).

Contudo, certas posturas não são recomendáveis seja para os pais ou professores, pois como ensina Cury (2006, p. 23) “corrigir publicamente uma pessoa é o primeiro pecado capital da educação. Um educador deve valorizar mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa”.

Assim, pais e professores são de extrema importância, porque eles podem construir ou destruir com uma simples palavra. Há crianças que se traumatizam pelo facto de uma professora o chamar de burro, isso não pode ocorrer, pois gera na cabeça da criança um pessimismo terrível, pois ela perderá a vontade de estudar e dirá que não é capaz de nada, porque é burra. Tanto os pais como os professores, não devem corrigir a criança publicamente a não ser que ela tenha ofendido ou ferido alguém em público, deve-se agir mesmo assim com prudência.

A autoridade não deve ser expressa com agressividade, não podemos ser excessivamente críticos, ou agressivos, por exemplo, criticar por falhas, atitudes insensatas, notas ruins etc. Não punir quando estiver irado, devem-se dar explicações para impor limites. Não podemos desistir de educar, devemos ser pacientes, cumprir com a palavra, quando a mãe ou a professora disser não, nunca voltar atrás, pois a frustração ajuda no processo da formação da personalidade. Nunca destrua os sonhos e as esperança de uma criança ou um jovem, pois assim eles terão motivação para continuar lutando na sua caminhada.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

3.1 Tipo e Método da Pesquisa

O presente estudo é de natureza exploratória, descritiva e apresenta abordagem quantitativa. A tipologia de pesquisa, quanto ao procedimento, adotou-se o estudo de caso, cuja natureza empírica investiga um determinado fenômeno, geralmente contemporâneo, que no nosso caso dentro de um contexto real (Tozoni-Reis, 2012).

O estudo de caso é um método de pesquisa estruturado, que pode ser aplicado em diversas situações para colaborar com o conhecimento dos fenômenos individuais ou grupais. Por ser um método de pesquisa, o estudo de caso possui particularidades próprias e pode ser conceituado com base nas disposições de dois dos mais conhecidos especialistas neste método: Yin (2010) e Stake (2007).

Para essa pesquisa foi utilizado especificamente o método de Yin (2010). Yin (2010) define o estudo de caso como uma pesquisa empírica, que averigua factos contemporâneos dentro de uma situação de vida real, utilizado especialmente quando os limites entre o fenômeno e assunto são pouco manifestos. Atribui-lhe o objetivo de explorar, descrever e explicar o facto e prover uma concepção intensa do mesmo.

O estudo de caso foi utilizado nessa pesquisa como uma abordagem didática para problematizar uma situação a fim de aproximar a teoria e a prática.

Gerhardt e Silveira (2009) relatam que a pesquisa exploratória se caracteriza pelo enfoque interpretativo. Desse modo, este tipo de pesquisa, estimula os entrevistados a pensarem sobre um tema, mostrando aspectos subjetivos para que respondam de maneira espontânea.

O estudo descritivo na visão de Trivinos (2010) é uma abordagem onde se realiza os registros, as análises e interpretações da natureza atual da realidade e suas condições dominantes, empregando-se para este fim a comparação e o contraste. Ao associar este tipo de estudo com a pesquisa que foi desenvolvida, ou seja, sua utilidade verificou-se que os dados foram analisados, interpretados e descritos.

De acordo com Alvarenga (2012, p. 11) a pesquisa quantitativa ocorreu por meio de uma união de informações quantitativas. E os dados obtidos foram explorados subjetivamente com uma compreensão holística por meio de um olhar construtivo e, após, transcritos objetivamente em dados estatísticos comprovando os resultados alcançados.

3.2. Lócus do Estudo

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas de educação básica do município de Sobral - CE, sendo, uma escola municipal e outra de cunho Evangélico.

A cidade de Sobral possui 205.529 habitantes e está situado na zona norte do estado do Ceará. A cidade de Sobral surgiu da estratégia de colonização portuguesa do início do século XVII, de colonizar o sertão cearense, a partir da doação de terras para o desenvolvimento de atividades de cultivo de gado, como atividade principal. A facilidade do pasto para a criação de gado fez nascer o povoado da Fazenda Caiçara, que começou o seu desenvolvimento com o estabelecimento de várias moradias nos seus arredores, dando origem ao município de Sobral. O mais provável, é que o nome Sobral, seja proveniente da denominação do distrito homônimo de Portugal. Sua criação como município se deu pela Carta Régia de 1772, segundo o IBGE (2017).

O município de Sobral limita-se ao Norte com os municípios de Meruoca, Massapê e Santana do Acaraú, ao Sul com Santa Quitéria, Groaíras e Cariré e a Leste com os municípios Miraíma, Irauçuba e Canindé e a Oeste com Coreaú, Mucambo e Alcântaras, tem uma extensão de 2.122,98km² e distam 235 km de Fortaleza.

O município possui 12 (doze) distritos que são Arazível, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Rafael Arruda, Patos, Patriarca, São Jose do Torto, Taperuaba, Aracatiáçu.

Na Educação Básica, conforme dados do Censo Educacional 2015, o município de Sobral, possui uma matrícula total de 33.939 alunos, sendo que 26.276 (77%) concentram-se na rede municipal de ensino. Da matrícula total do município, 28.312 constitui o Ensino Fundamental, sendo 21.933 a matrícula efetivada na rede municipal. É importante ressaltar que o município de Sobral, desde 2001, ampliou o Ensino Fundamental para nove anos. O atendimento às crianças de seis anos, portanto, está incluído na matrícula do Ensino Fundamental.

De acordo com dados de 2016 do IPECE, Sobral possui um total de 105 escolas, sendo 47 escolas municipais, 25 escolas estaduais, uma escola federal e 32 escolas particulares e também tem uma taxa de alfabetização de 94,90% que faz do município um dos mais alfabetizados do Nordeste e do Brasil (Pereira, 2017).

O município de Sobral apresentava, em 2015, um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 8,8, figurando como o município com o melhor índice do Ceará e da Região Nordeste, e em primeiro lugar entre todos os municípios brasileiros. Supera a

média proposta pelo Ministério da Educação para 2021, que é de 6,1. Ao alcançar 7,3 pontos. Sobral zerou a taxa de abandono escolar do 1º ao 5º ano. O desempenho das Escolas de Sobral ficou acima da média do Ceará, que foi de 4,9, e, também, acima da média nacional, de 5,0.

Das 47 escolas da rede municipal de ensino, 35 foram avaliadas pelo IDEB, e destas 34 figuram entre as 100 melhores da região Nordeste, e nove delas estão também entre as 100 melhores do País, apenas uma escola das avaliadas não se destacou, com isso coloca 27 escolas do município com os mesmos padrões das escolas de país desenvolvido (Pereira, 2017).

3.3. Objetivos da Pesquisa

Os objetivos, da pesquisa indicam-se o percurso do estudo e quais os resultados que se alcançaram.

Objetivo geral:

- Analisar a importância da participação dos pais de forma efetiva na vida escolar dos seus filhos.

Objetivos específicos:

- Verificar se é possível a escola caminhar sem a participação da família;
- Pontuar aos pais sobre a responsabilidade em educar e formar cidadãos de bem;
- Analisar qual o papel dos pais no processo da educação.

3.4. Contextos da Pesquisa

O estudo deu-se no município de Sobral - CE, situado na Região Norte do Estado do Ceará, a 230 km de Fortaleza, é tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional por seu importante acervo arquitetônico, histórico e cultural. Apresenta uma extensão territorial de 2.129Km², o que representa 1,48% do território estadual. Conforme o censo do IBGE (2017), a população de Sobral se constitui de 205.529 habitantes.

Considerando a matrícula total da rede municipal, observa-se que 77,60% concentram-se no Ensino Fundamental. É importante ressaltar que o município de Sobral, desde 2001, ampliou o Ensino Fundamental para nove anos. O atendimento às crianças de seis anos, portanto, está incluído na matrícula do Ensino Fundamental.

A universalização do acesso à escola das crianças de 6 a 14 anos é uma meta que, em Sobral, pode-se dizer que já foi atingida. Conforme dados do Censo Escolar, a taxa de escolarização líquida no Ensino Fundamental, em 2017, foi de 100% 100,16%. Isto se justifica pelo facto de que Sobral é um município polo da região norte, para onde converge a população de municípios vizinhos em busca de trabalho. Todas as crianças (ou quase todas) desta faixa etária estão na escola. O grande desafio que se coloca é a permanência com sucesso destas crianças no espaço escolar.

Neste caso, sucesso é sinônimo de aprendizagem; e um processo de escolarização exitoso não pode prescindir da leitura e da escrita como instrumentos fundamentais de aprendizagem. Neste sentido, aprender a ler e escrever, no início da escolarização, é uma condição básica para que se abra uma perspectiva de sucesso ao longo da experiência escolar posterior.

A escolha de uma escola católica e uma evangélica deve-se ao facto de as duas escolas terem suas linhas metodológicas diferentes. Uma com uma educação direcionada ao Criacionismo, tendo por base os princípios bíblicos e a outra de ensino religioso, como área de conhecimento, legalmente instituído nas escolas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96), constitui componente curricular do Ensino Fundamental, no entanto, tal disciplina ainda enfrenta entraves. A presente comunicação pretende sinalizar caminhos e trazer reflexões acerca da metodologia e função do Ensino Religioso, norteado pela diversidade cultural e a pluralidade religiosa, objetivando a finalidade do ensino religioso como formação plena do cidadão, garantida a autonomia do indivíduo, observado o caráter laico das escolas.

3.5. Instrumentos da Pesquisa

Para obter opiniões dos pais e professores, construiu-se um questionário com 14 questões (Apêndice 01).

Segundo Parasuraman (2009), um questionário é tão-somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do estudo.

3.6. Sujeitos da Pesquisa

Pais e professores de duas escolas sendo uma da Educação Básica do Município de Sobral - CE e a outra Escola de cunho Evangélico. Quanto aos pais 106 (cento e seis) da rede particular e 77 (setenta e sete) da rede pública responderam ao questionário. Sendo 120 do sexo feminino e 63 do sexo masculino. Na faixa entre 20 a 50 anos.

Quanto ao grau de instrução 90 tinham Ensino Fundamental incompleto; 30 com Ensino Fundamental completo; 13 tinham Ensino Médio incompleto; 10 com Ensino Médio completo e 20 eram analfabetos.

Em relação aos professores foram entrevistados 30 (trinta) da rede particular e 40 (quarenta) da rede pública. Sendo 45 do sexo masculino e 25 do sexo feminino, com idades entre 25 a 60 anos e 40 tinham nível superior completo.

3.7. Coletas dos Dados

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário fechado com 17 questões, 5 para os professores e 12 questões que foram aplicados com os pais, caracterizando como pesquisa quantitativa estruturada, levando em consideração o que dizem os teóricos e a realidade da educação nos municípios em questão.

O objetivo deste questionário foi obter informações sobre a importância da participação da família na formação e educação no século XXI. Os questionários foram entregues aos pais e professores e o pesquisador marcou data para recebê-los de volta. O roteiro utilizado durante a condução dos questionamentos encontra-se disponível no Apêndice 1 desse trabalho.

3.8. Etapas da Pesquisa

- a) **A primeira etapa:** reunião com a direção de cada escola para apresentação da carta de apresentação do Mestrado para autorização da realização da pesquisa e apresentação do roteiro da pesquisa.
- b) **Segunda etapa:** reunião com os profissionais de cada escola para explicar os objetivos da pesquisa e seleção dos participantes diretos da pesquisa.

- c) **Terceira etapa:** foi realizar a tabulação e apresentação do questionário de 14 (quatorze) perguntas objetivas para os 253 (duzentos e cinquenta e três) pesquisados. Para tabular os dados do estudo foi utilizado o Excel, pois esta é uma ferramenta onde você pode construir pesquisas, enquetes, coleta de opiniões e informações de contato de forma simples e rápida.
- d) **Quarta etapa:** foi realizar o tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados com o objetivo de captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado. Os dados foram apresentados por meio de gráficos e fundamentados por autores que tratam do assunto.

3.9. Tabulações de Dados

Após a coleta dos dados, os mesmos foram inseridos na plataforma Access (Microsoft, USA) a fim de armazenar e facilitar a análise dos dados, os quais foram avaliados procurando eventuais inconsistências no banco de dados.

A partir desta plataforma todos os dados foram exportados, sendo elaborada uma análise no SPSS *Statistics* versão 2.0 que disponibiliza todas as vertentes necessárias para a filtração das informações indispensáveis, conforme o período analisado através de análises descritivas e cruzamentos.

Posteriormente, os resultados foram alocados em tabelas e analisados com fundamentos de teóricos que tratam do assunto.

3.10. Aspectos Éticos

A presente pesquisa obedeceu a todos os aspectos éticos descritos no capítulo III da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que dispõe sobre as Diretrizes e Normas Regulamentadoras envolvendo seres humanos (Brasil, 2012). Deve-se ressaltar que a mesma só foi realizada após os participantes, assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo manifestado sua anuência no estudo.

A participação dos sujeitos neste processo foi documentada através de suas assinaturas no TCLE (Apêndice 2), elaborado em duas vias (uma sendo entregue aos participantes e a outra ficando com o responsável pela pesquisa).

Lindomar Jémison Moura Rodrigues - A participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI

Nestes termos foram expostos os objetivos envolvidos, as informações sobre o direito de anonimato, do sigilo de informações pertinentes à privacidade e do direito de desistir conforme suas vontades, sem que isso lhes possa trazer qualquer prejuízo.

Foram respeitados e obedecidos os princípios básicos da bioética que inclui: máximo de benefícios e mínimos de danos e riscos (beneficência); garantia que nenhum constrangimento seja causado aos participantes (não maleficência); consentimento livre e esclarecido dos indivíduos (autonomia); igual consideração dos interesses envolvidos sem perder o caráter sócio humanitário (justiça e equidade) (Brasil, 2012).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Respostas dos Pais

4.1.1 Caracterização sociodemográfica dos pais participantes do estudo

Tabela 1- Características sociodemográficas dos pais dos alunos (n=180).

CARACTERÍSTICAS	n	%
ESCOLARIDADE DOS PAIS (n=180)	180	
ENSINO SUPERIOR	16	9%
ENSINO MÉDIO	33	18%
ENSINO FUNDAMENTAL	111	62%
ANALFABETOS	20	11%
GÊNERO (n=180)		
FEMININO	120	67%
MASCULINO	60	33%
FAIXA ETÁRIA (n=180)		
20 A 27 ANOS	21	12%
28 A 38 ANOS	60	33%
39 A 50 ANOS	90	50%
51 ANOS OU MAIS	9	5%

Fonte:Primária

Conforme os dados apresentados na tabela 1 acerca das características sociodemográficas dos pais dos alunos, a maioria representado por 62% possuem o ensino médio na categoria escolaridade. Sobre o gênero, 67% afirmaram ser do sexo feminino, enquanto 33% pertencem ao sexo masculino. A respeito da faixa etária, foi identificado que 50% dos entrevistados possuem entre 39 a 50 anos, 33% responderam estar na faixa entre 28 a 38 anos, 12% tem entre 20 a 27 anos e 5% tem idade igual ou superior a cinquenta e um anos.

4.1.2. Questionamento sobre a Participação dos Pais dentro da Escola de seus filhos

Particularmente, a família tem sido marcada como parte essencial do sucesso ou fracasso escolar. A procura de uma harmonia entre família e escola deve participar de qualquer trabalho educativo que tem como eixo a formação de um sujeito autônomo. Esse

equilíbrio entre escola e família consiste na divisão do trabalho de educação de crianças, jovens e adultos, abrangendo expectativas recíprocas. Levando em consideração que o indivíduo aprende o tempo todo, nos inúmeros interesses que a vida lhe mostra, o papel da família é fundamental, pois é ela que estabelece, desde cedo, o que seus filhos necessitam aprender, quais são instituições que devem comparecer; o que é preciso saber para tomarem as decisões que os beneficiem no futuro.

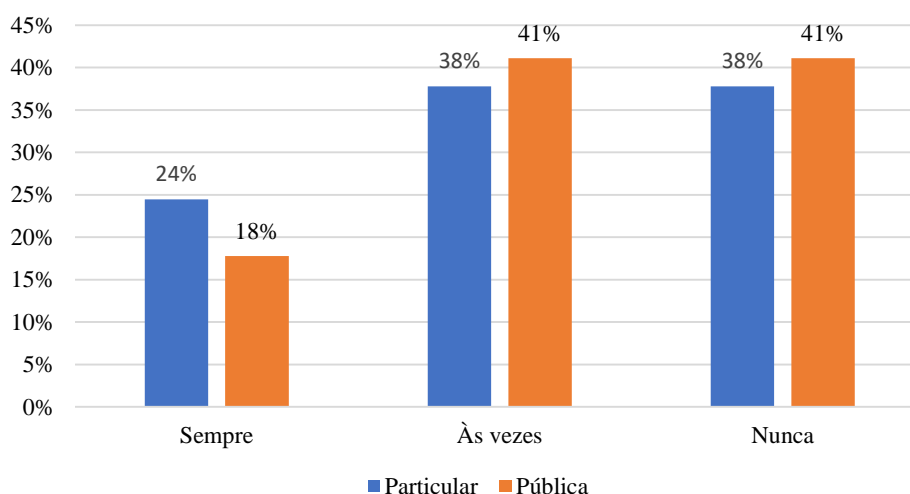
Tabela 2. Participação de trabalhos voluntários na escola de seu filho (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sempre	22	24%	16	18%	38	20%
Às vezes	34	38%	37	41%	71	40%
Nunca	34	38%	37	41%	71	40%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

De acordo com os dados apresentados na **Tabela 2**, sobre a participação de trabalhos voluntários na escola realizados pelos pais, percebe-se que 60% dos pais participam, enquanto 40% afirmam nunca ter participado. Observa-se também um equilíbrio entre as respostas dos participantes das escolas, pública e particular, mostrando que o trabalho voluntário na escola é um período digno que contempla todos os implicados, desde o voluntário que coloca seu dia em benefício de uma causa essencial, à educação, às escolas que são utilizadas e que têm seus colaboradores mais felizes.

Gráfico 1. Participação de trabalhos voluntários na escola de seu filho (n=180)



Fonte: Primária

Sabe-se que, o Brasil tem um campo colossal a ser explorado em termos de trabalho voluntário e o mais prudente é que quem será beneficiado não é este ou aquele, mas todos que estão colocados no processo.

De acordo com Piana (2009, p.44) no trabalho voluntário, os indivíduos trabalham em uma causa sem receber nenhuma remuneração em troca, “quem é voluntario assegura que é maior que qualquer salário. Quem se propõe a ajudar os mais carentes, além de colaborar com a comunidade, recebe o carinho daqueles que pouco tem a ofertar além da gratidão”.

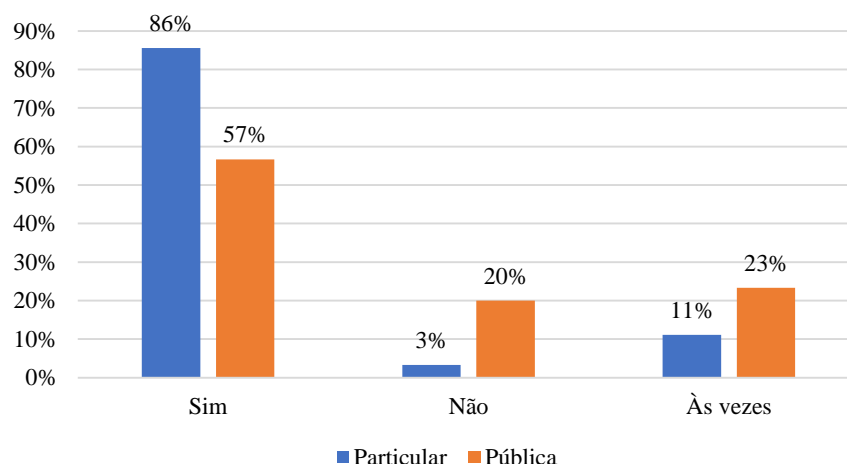
Tabela 3. Convocações para ir à escola de seu filho (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sim	77	86%	51	57%	128	71%
Não	3	3%	18	20%	21	12%
Às vezes	10	11%	21	23%	31	17%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

Segundo os dados da **Tabela 3**, quando questionado se os pais atendem as convocações de ir à escola, 71 % dos participantes responderam que sim, sendo que, destes 86% são da escola particular e 57% da escola pública.

Gráfico 2. Convocações para ir à escola de seu filho (n=180)



Fonte: Primária

No processo de aprendizagem da criança é essencial esse acompanhamento escolar, não apenas quando a criança apresenta um mau comportamento, mas no decorrer de todo processo educacional. Através da pesquisa e perante as respostas dadas pelos pais, percebe-se que os mesmos não manifestam o interesse de ir à escola, talvez por não compreenderem como é relevante a participação e acompanhamento escolar de seus filhos.

Neste contexto, Reis (2011, p. 6) diz que “os pais devem tomar consciência de que a escola não é uma entidade estranha, desconhecida e que sua participação ativa nesta é a garantia da boa qualidade da educação escolar”. As crianças são filhos e estudantes ao mesmo tempo. Assim, as duas mais importantes instituições da sociedade contemporânea, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns.

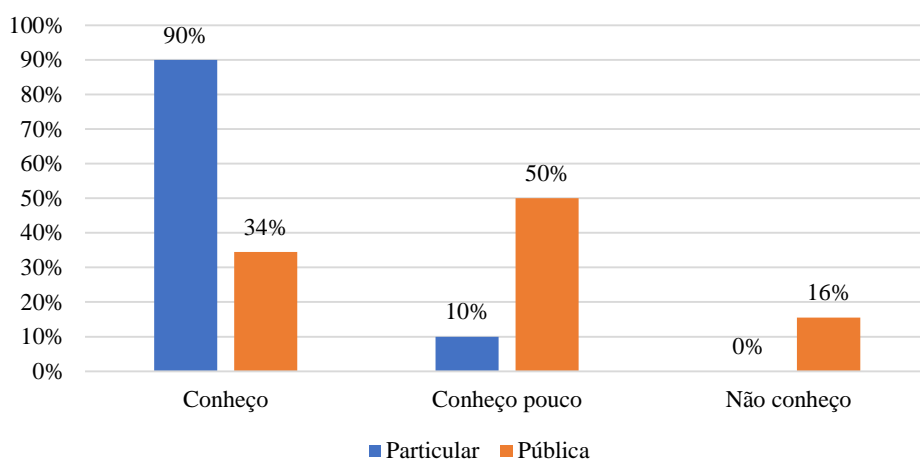
Tabela 4. Você conhece a escola de seu filho (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Conheço	81	90%	31	34%	112	62%
Conheço pouco	9	10%	45	50%	54	30%
Não conheço	0	0%	14	16%	14	8%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

De acordo com os dados da pesquisa 62% dos pais das escolas relataram conhecer a escola dos seus filhos. Percebe-se ainda que, o interesse em conhecer a escola é maior por parte dos pais da escola particular 90%, enquanto ao não conhecer a escola, apenas os pais da escola pública, 16%, afirmam não conhecem a escola dos seus filhos. Para muitos pais, estar presente tem um sentido físico: frequentar o espaço da escola, comparecer a reuniões, eventos e outros compromissos, dentre outros. Para outros, a presença na vida escolar dos filhos implica estabelecer relações com os conteúdos das disciplinas que eles estão aprendendo, ajudando nas tarefas de casa, sugerindo programas culturais, filmes, teatros e música. Todas essas formas de agir engendram a presença dos pais na educação.

Gráfico 3. Você conhece a escola de seu filho (n=180)



Fonte: Primária

Contudo, é possível acabar com esse jogo de culpado e inocente se a família e a escola procurarem ações coordenadas, o que poderia assegurar a ela que os problemas seriam esclarecidos ou, pelo menos, teriam uma ligação, mas para que isso suceda é necessário que os professores sejam esclarecidos em relação às novas formações familiares e qual é o papel da família. E em compensação, a família deveria compreender melhor a escola na qual o seu filho será inserido e procurar a melhor forma para ajudá-lo no seu desenvolvimento.

De acordo com Palato (2009, p. 102-104), seria positivo se a família em conversas com professores e coordenadores explicasse “sua situação e qual seria a melhor forma de participação para a educação de seu filho, com certeza tudo poderia ser bem melhor. Ela relata que alguns mitos deveriam ser revistos ou deixarem de existir”.

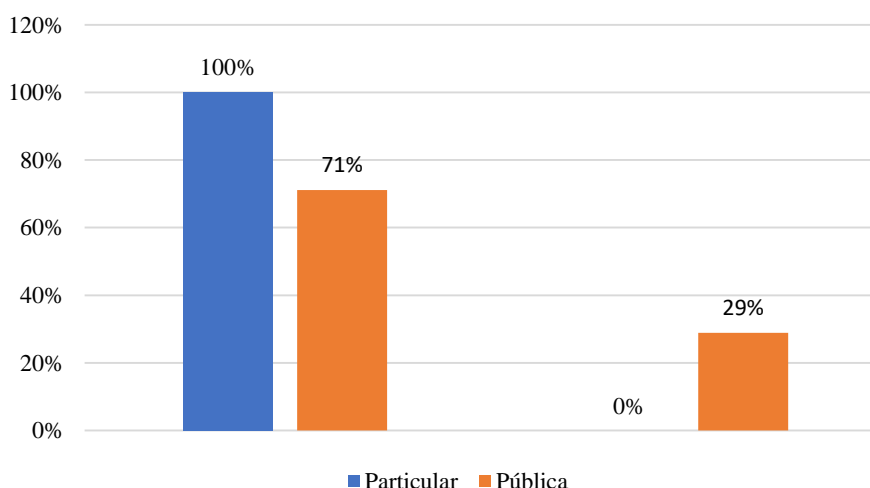
Tabela 5. Importância da participação da família na escola (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sim	90	100%	64	71%	154	86%
Não	0	0%	26	29%	26	14%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

A **Tabela 5** mostra que, 86% dos participantes responderam que reconhecem a importância da participação da família na escola, sendo que, dos pais que têm esse entendimento, 100% são da escola particular e 71% da escola. Enquanto isso, uma parcela de 29% dos pais da escola pública responderam não ver importância na participação da família na escola.

Gráfico 4. Importância da participação da família na escola (n=180)



Fonte: Primária

Com relação à participação dos pais na escola, Arribas (2011, p.393-394) destaca que “[...] a escola deverá fomentar e organizar sua tarefa de forma que pais e professores se envolvam em um objetivo comum: colaborar de forma ativa e responsável na educação das crianças”. Desse modo tanto a escola como pais devem estar preparados para trabalhar em conjunto no desenvolvimento do aprendizado da criança.

Arribas (2011, p. 394) afirma ainda que:

Lindomar Jémison Moura Rodrigues - A participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI

O contato dos educadores com a família é um imprescindível para obter uma visão completa e não escolar do aluno. Esse contato também é necessário para estabelecer um clima de confiança entre ambos, o que, sem dúvida, resultará em benefício da educação da criança.

Então se verifica a necessidade da presença dos pais na escola, pois tanto um como outro poderão desempenhar suas atividades de forma que a criança seja a principal beneficiada.

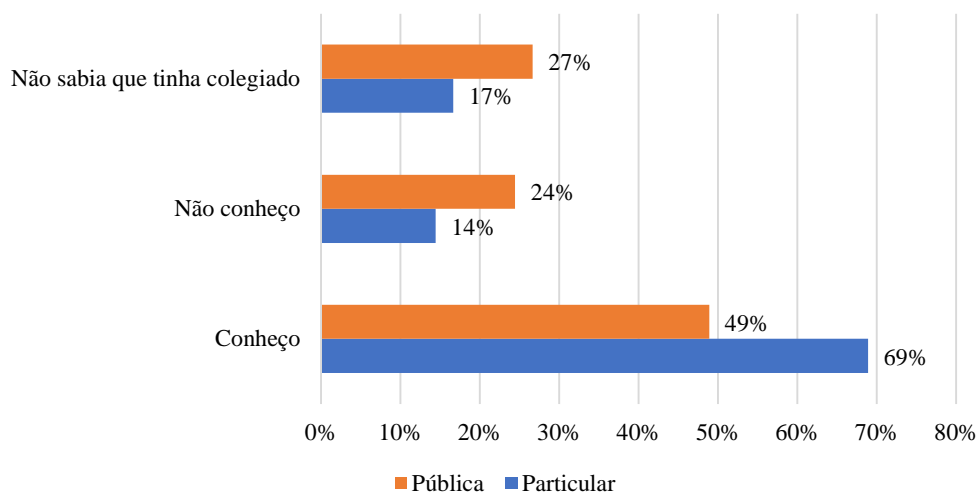
Tabela 6. Conhece os representantes do colégio da escola de seu filho (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Particular		Total	
	n	%	n	%	n	%
Conheço	62	69%	44	49%	106	59%
Não conheço	13	14%	22	24%	35	19%
Não sabia que tinha colegiado	15	17%	24	27%	39	22%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

De acordo com os dados apresentados na **Tabela 6**, 59% dos pais dizem conhecer os representantes da escola dos seus filhos, sendo que entre os pais da escola particular o percentual é 69% e na escola pública é de 49%, sobretudo, em relação ao fato de não saber que havia um colegiado na escola, 17% são da escola particular e 27% da escola pública.

Gráfico 5. Conhece os representantes do colégio da escola de seu filho (n=180)



Fonte: Primária

A parceria entre família e escola traz impactos positivos não só para a vida e formação do aluno, como também vivifica a escola. Reuniões de conselho, apresentações de trabalhos abertas à família, deliberações coletivas, festinhas, eventos na comunidade, voluntariado dos pais e muitas outras ações resultantes da união de forças entre a família e a instituição escolar tornam o espaço mais útil e dinâmico (REIS, 2011).

4.1.3. Questionamentos sobre o que os Pais Esperam da Escola de seus filhos

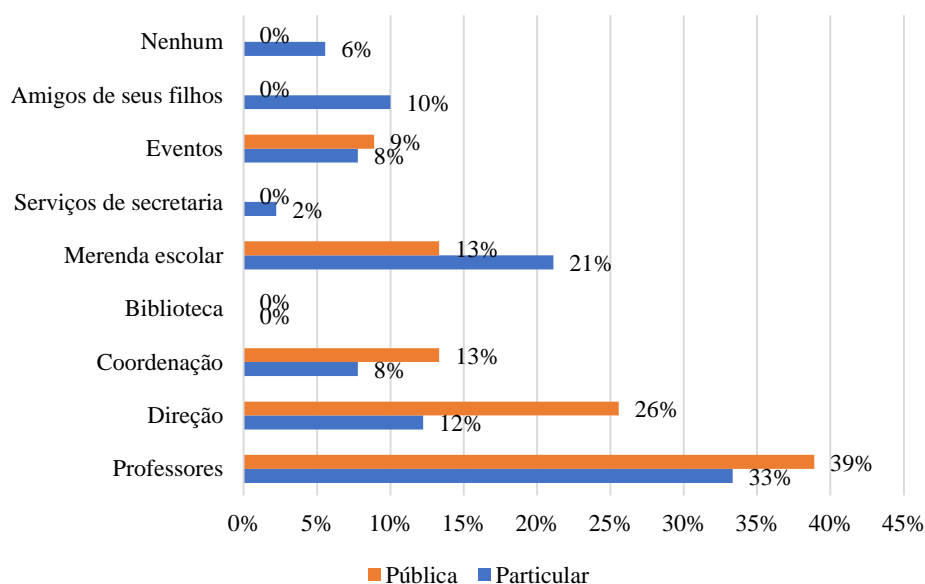
Tabela 7. Qual desses profissionais você gostaria de ter mais retorno/informações da escola de seu filho (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Professores	30	33%	35	39%	65	36%
Direção	11	12%	23	26%	34	19%
Coordenação	7	8%	12	13%	19	11%
Biblioteca	0	0%	0	0%	0	0%
Merenda escolar	19	21%	12	13%	31	17%
Serviços de secretaria	2	2%	0	0%	2	1%
Eventos	7	8%	8	9%	15	8%
Amigos de seus filhos	9	10%	0	0%	9	5%
Nenhum	5	6%	0	0%	5	3%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

Na **Tabela 7**, percebe-se que os participantes da escola pública possuem maior interesse em receber informações de Professores 39% e da Direção 26%, enquanto os pais da escola particular responderam Professores 33% e Merenda Escolar 21%. Destaca-se também as respostas sobre Amigos dos filhos, na escola particular responderam 10% e 0% da escola pública.

Gráfico 6. Qual desses profissionais você gostaria de ter mais retorno/informações da escola de seu filho (n=180)



Fonte: Primária

O maior desejo da escola como instituição é que seja a família mais próxima dela, para enfrentar as atuais dificuldades, as intencionalidades e obrigações decorrentes para efetivar a parceria desejada. Essa relação não diz respeito apenas aos filhos/alunos, mas a todos, familiares, professores e comunidade em geral. Para que uma casa, uma comunidade, uma família ou uma escola, funcione é necessário que cada um execute bem a sua respectiva função da melhor forma possível, para que os objetivos sejam atingidos. Alguns atuam sozinhos e outros em equipe, mas todos atuam em alguma parte da instituição de ensino, seja vigilante, bibliotecário, merendeira e outros que também fazem parte do contexto escolar. São todos educadores, apesar de, muitas vezes, não saberem disso (ROCHA; MACEDO, 2012).

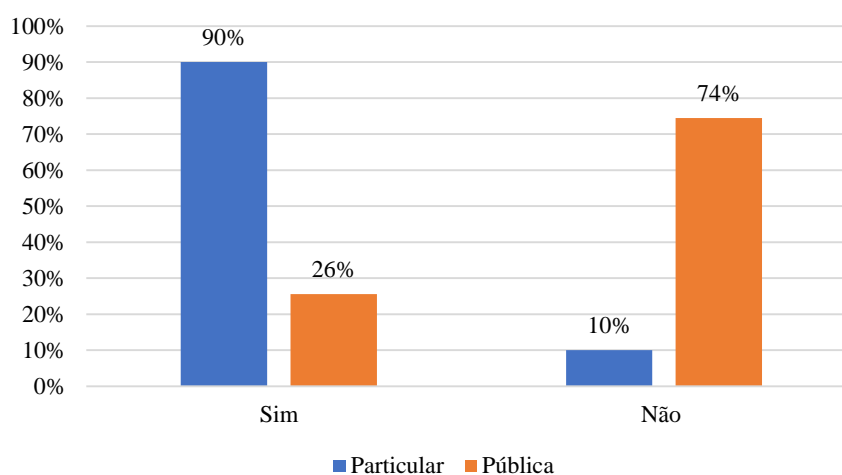
Tabela 8. Você conhece o método ou filosofia que a escola utiliza (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sim	81	90%	23	26%	104	58%
Não	9	10%	67	74%	76	42%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

A **Tabela 8** mostra que, 90% dos pais da escola particular relataram conhecer o método de ensino utilizado pela escola de seu filho, enquanto 74% dos pais da escola pública disseram não saber.

Gráfico 7. Você conhece o método ou filosofia que a escola utiliza (n=180)



Fonte: Primária

Na escola particular é enfatizado o processo educativo de forma integral e incentiva a interação entre a teoria e a prática, o pensar e o fazer, a razão e a emoção, o individual e o coletivo, a causa e o efeito; entende que tanto os educadores como os educandos podem ensinar e aprender. A proposta pedagógica da escola visa atender às necessidades gerais de aprendizagens, formando alunos pensantes e criativos.

Além disso, incentiva a transformação de conhecimento em atitudes, a partir de soluções de problemas relacionados ao cotidiano dos educandos. Fundamentada nas premissas de uma educação cristã, essa proposta tem como compromisso nortear as atividades didáticas das escolas da rede, sistematizando a prática pedagógica e o cotidiano escolar, imprimindo a ideia de qualidade do ensino.

Com objetivos educacionais amplos, o currículo promove a excelência acadêmica e contempla os conteúdos necessários para a prática da cidadania responsável, contribuindo

para o desenvolvimento equilibrado da vida espiritual, intelectual, física, social, emocional e vocacional dos educandos. Prepara-os para exercer a cidadania de maneira competente e comprometida com a sociedade e com Deus (SANTOS; BRAGA, 2010).

A escola pública tem uma política educacional estruturada em três eixos estratégicos: o fortalecimento da gestão escolar, seleção de diretores e professores por critérios meritocráticos, formação continuada, autonomia administrativa, pedagógica e financeira para as escolas; o fortalecimento da ação pedagógica, com a qualificação e organização do trabalho em sala de aula; e a valorização do magistério – com reconhecimento, gratificação por desempenho e qualificação docente. Uma das estratégias responsáveis pela elevação dos indicadores de qualidade da educação Municipal foi a criação do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC), que estabelece a alfabetização de todos os alunos até 07 anos de idade.

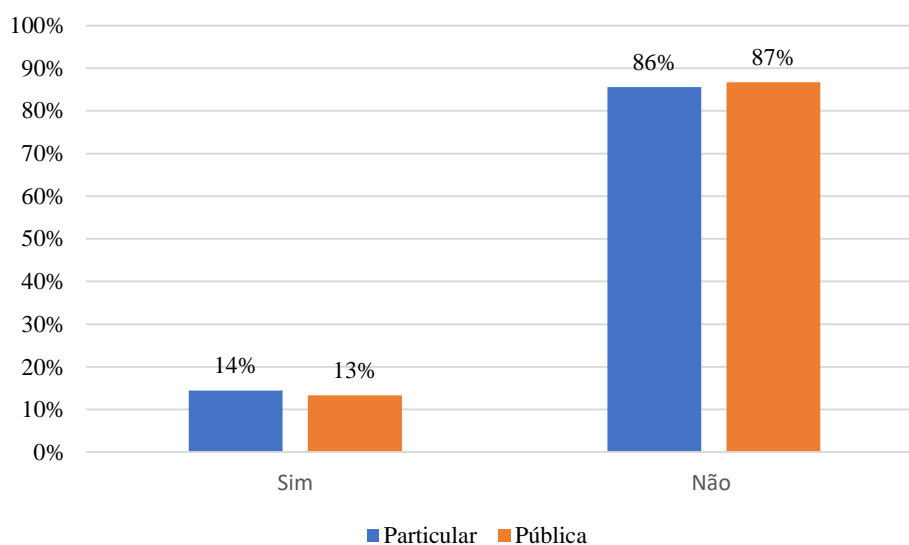
Tabela 9. Teve participação no Projeto Político Pedagógico da Escola de seu filho (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sim	13	14%	12	13%	25	14%
Não	77	86%	78	87%	155	86%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

De acordo com a **Tabela 9**, os pais respondentes da escola particular, 86%, responderam que não tiveram participação no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola de seu filho bem como 87% dos pais dos alunos da escola pública, também não participaram do PPP da escola de seus filhos.

Gráfico 8. Teve participação no Projeto Político Pedagógico da Escola de seu filho (n=180)



Fonte: Primária

No entanto, Vasconcelos (2010) defende que há uma demasiada relevância na participação dos pais na vida escolar dos filhos, pois o aluno se sente importante e valorizado pelos pais, colaborando consideravelmente para seu aprendizado. É necessário participar do desenvolvimento escolar do filho, como no auxílio das tarefas de casa, participação das reuniões pedagógicas em que os pais são convocados, reuniões bimestrais e incentivas à leitura. Além de interatuar com os professores fora das reuniões pedagógicas, como na produção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e nas sugestões dos educadores (da escola) na intenção de integrar a família no processo de aprendizagem da criança.

Segundo Parolin (2010) é decisivo para um bom desenvolvimento escolar e para o processo de ensino e aprendizado fora da escola também, que haja uma excelência no relacionamento entre a família e a escola. Onde a participação dos pais na educação dos filhos dentro da escola deve ser constante, mostrando assim que a educação é obrigação tanto da família quanto da escola, fazendo com que estas se unam, tentando solucionar ao máximo os conflitos existentes em prol do educando.

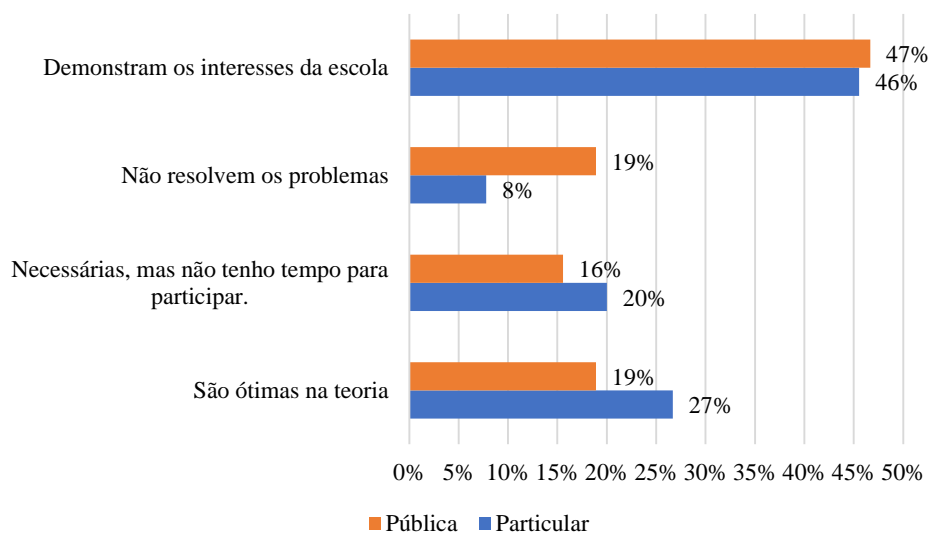
Tabela 10. Opinião sobre as reuniões marcadas pela escola (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
São ótimas na teoria	24	27%	17	19%	41	23%
Necessárias, mas não tenho tempo para participar.	18	20%	14	16%	32	18%
Não resolvem os problemas	7	8%	17	19%	24	13%
Demonstram os interesses da escola	41	45%	42	47%	83	46%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

A **Tabela 10** apresenta a opinião dos pais sobre as reuniões marcadas pela escola, dos quais 46% disseram que as reuniões demonstram os interesses da escola. Foi observado também que 8% dos entrevistados responderam que as reuniões não resolvem os problemas, em detrimento aos 19%.

Gráfico 9. Opinião sobre as reuniões marcadas pela escola (n=180)



Fonte: Primária

Sobre a importância das reuniões com os pais Mittler (2012, p.205) afirma:

[...] Inventar modos novos de trazer os professores e os pais para uma relação de trabalho melhor é válida para a própria causa e também beneficia todas as crianças, os pais e professores. Além disso, pode provocar um impacto sobre a aprendizagem das crianças e promover a inclusão social, assim como a inclusão escolar [...].

No entanto, de acordo com os resultados obtidos na pesquisa observei que embora os pais acreditem que a participação da família seja importante, encontram diversos motivos

para não se envolverem nos trabalhos escolares. Como o autor afirma acima, essa participação é válida, pois integra os pais na escola de forma que aconteça a inclusão da criança no ambiente escolar.

“Não existe uma regra geral de como se aproximar das famílias. Cada escola precisa descobrir junto com as famílias um jeito de trazer essa participação” (SZYMANSKI, 2010). Durante as reuniões, por exemplo, que são um dos momentos mais comuns de interação entre ambos, a falta de escuta resulta na convocação de encontros em dias ou horários que as famílias não podem comparecer. Se de um lado a reclamação é de que ninguém vai às reuniões, do outro, a justificativa é de que não é possível faltar em um dia de trabalho ou desmarcar um compromisso.

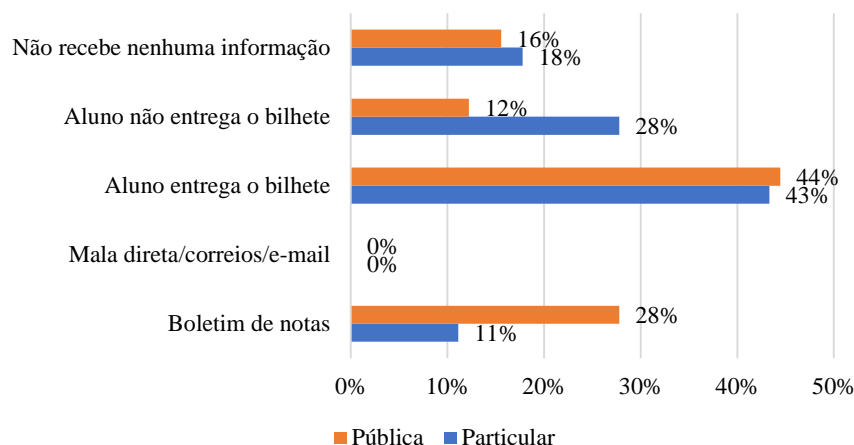
Tabela 11. Como a escola informa as reuniões e suas atividades (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Boletim de notas	10	11%	25	28%	35	19%
Mala direta/correios/e-mail	0	0%	0	0%	0	0%
Aluno entrega o bilhete	39	43%	40	44%	79	44%
Aluno não entrega o bilhete	25	28%	11	12%	36	20%
Não recebe nenhuma informação	16	18%	14	16%	30	17%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

A **Tabela 11** mostra as respostas dos pais sobre como a escola divulga as suas reuniões e atividades, 44% dos pais afirmam receber essas informações por bilhete, nota-se que houve um equilíbrio nas respostas de pais da escola pública e da escola privada.

Gráfico 10. Como a escola informa as reuniões e suas atividades (n=180)



Fonte: Primária

Quando os pais participam ativamente da vida de seus filhos e se engajam, inclusive, no cotidiano escolar da criança, a tendência é que os alunos se dediquem e se esforcem mais, além de se sentirem amados e apoiados. O pai que procura saber sobre a relação dos filhos com os professores, comportamento em sala de aula, notas e dificuldades nas matérias, sobre tudo relacionado ao rendimento escolar do filho, normalmente está disposto a ajudar o professor a vencer os desafios em sala de aula, adotando medidas complementares em casa. Isso, inevitavelmente, promove uma melhora na performance do aluno (ZAGURY, 2011).

Tabela 12. Pontos negativos das reuniões dentro da escola (n=180)

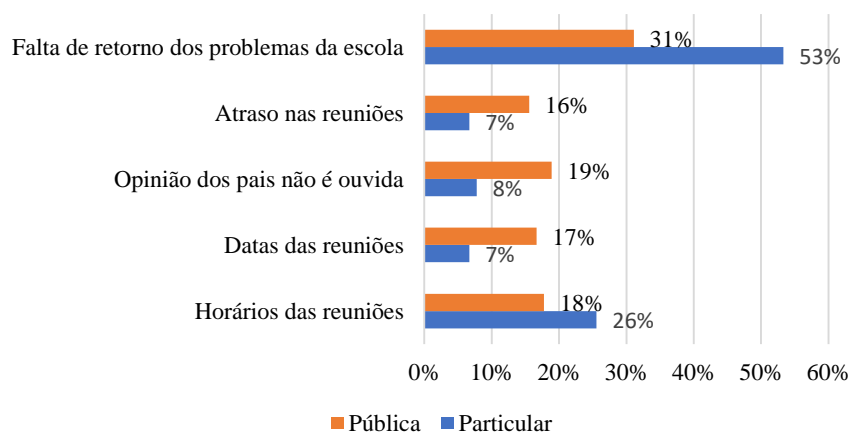
Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Horários das reuniões	23	26%	16	18%	39	22%
Datas das reuniões	6	7%	15	17%	21	12%
Opinião dos pais não é ouvida	7	8%	17	19%	24	13%
Atraso nas reuniões	6	7%	14	16%	20	11%
Falta de retorno dos problemas da escola	48	53%	28	31%	76	42%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

A **Tabela 12**, acima, mostra que, 42% dos pais relatam haver falta de retorno dos problemas da escola, sendo um percentual encontrado de 53% na escola particular e 31% na escola pública. Nota-se também, a diferença entre os percentuais de queixas, na escola

privada, 26% reclamam do horário das reuniões, enquanto na escola pública, 18%. Na escola pública, foram colocados como pontos negativos as Datas das reuniões, 17% contra 7% da escola particular; Opinião dos pais não é ouvida, 19% contra 8% da escola particular; Atraso nas reuniões, 16% contra 7% da escola particular.

Gráfico 11. Pontos negativos das reuniões dentro da escola (n=180)



Fonte: Primária

No entanto a reunião de pais é um importante instrumento de aproximação entre a família do aluno e a escola. “não é o único e tão pouco o mais importante dos instrumentos, mas pode ser fundamental para que os pais se aprimorem como educadores dos filhos e compartilhem com os professores e com outros pais, as dificuldades, desafios e soluções da educação” (SZYMANZKI, 2010, p.66).

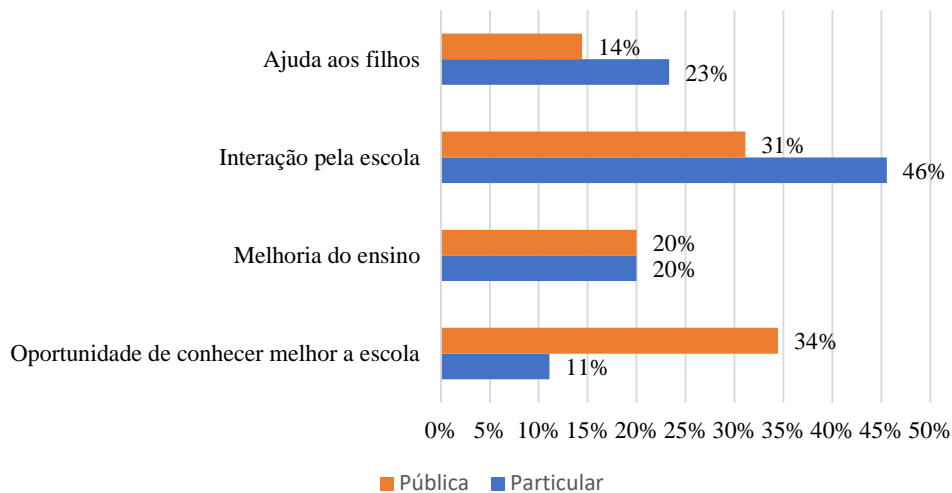
Tabela 13. Pontos positivos das reuniões dentro da escola (n=180)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Oportunidade de conhecer melhor a escola	10	11%	31	34%	41	23%
Melhoria do ensino	18	20%	18	20%	36	20%
Interação pela escola	41	46%	28	31%	69	38%
Ajuda aos filhos	21	23%	13	14%	34	19%
Total	90	100%	90	100%	180	100%

Fonte: Primária

Na **Tabela 13**, 46% dos pesquisados da escola particular, sobre os pontos positivos das reuniões relataram interação da escola e 31% dos pesquisados da escola pública também consideraram como ponto positivo das reuniões a interação pela escola.

Gráfico 12. Pontos positivos das reuniões dentro da escola (n=180)



Fonte: Primária

Mesmo que seja muitas vezes enfadonha, a reunião escolar proporciona no mínimo uma chance de sentir o ambiente na escola, saber da experiência dos demais alunos e tomar contato com a visão de outros pais. A ida a esses encontros tem ainda um efeito colateral menos visível, mas já bastante estudado: a presença dos pais é uma demonstração de interesse que contribui para o envolvimento dos filhos com a escola.

4.2 Professores Participantes

4.2.1 Caracterização sociodemográfica dos professores participantes do estudo

Tabela 14– Características sociodemográficas dos professores (n=70)

CARACTERÍSTICAS	n	%
ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES (n=70)		
ENSINO SUPERIOR COMPLETO	40	57%
ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO	30	43%
GÊNERO (n=70)		
FEMININO	25	36%
MASCULINO	45	64%
FAIXA ETÁRIA (n=70)		
17 A 27 ANOS	7	10%
28 A 38 ANOS	19	27%
39 A 50 ANOS	38	54%
51 ANOS OU MAIS	6	9%

Fonte: Primária

A tabela 14 expõe os resultados acerca das características demográficas dos professores. A respeito da escolaridade, 57% afirmaram possuir o Ensino Superior completo e 43% afirmaram que não concluíram o Ensino Superior. Ao ser questionado em relação ao gênero, 36% dos entrevistados são do sexo feminino e 64% pertencem ao sexo masculino. Já sobre a faixa etária, a maioria representado por 54% indicaram que possuem 39 a 50 anos, 27% indicaram que possuem 28 a 38 anos, 10% sinalizaram que estão na faixa compreendida entre 17 a 27 anos e 9% dos respondentes indicaram possuir, pelo menos, cinquenta e um anos de idade.

4.2.2. Como os Professores Observam a Participação da Família na Escola

O presente questionário foi respondido por 35 professores da escola particular e 35 da escola pública, n= 70.

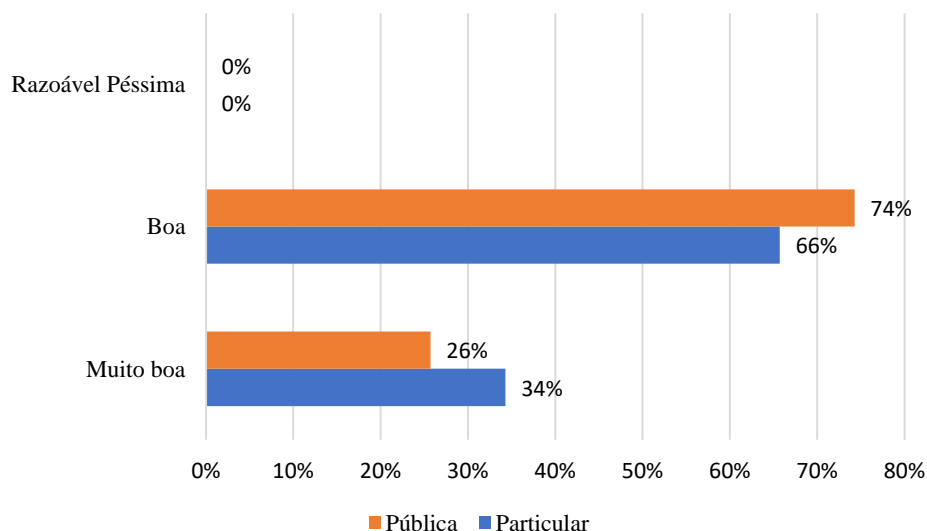
Tabela 15. Participação dos pais na escola que você atua (n=70)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Muito boa	12	34%	9	26%	21	30%
Boa	23	66%	26	74%	49	70%
Razoável Péssima	0	0%	0	0%	0	0%
Total	35	100%	35	100%	70	100%

Fonte: Primária

Segundo dados da **Tabela 15**, quanto a participação dos pais na escola, 100% dos entrevistados consideram “Boa” e “Muito” Boa. Sobre a participação dos pais serem razoáveis e péssimas, foi unanimemente negado pelos professores de ambas as escolas.

Gráfico 13. Participação dos pais na escola que você atua (n=70)



Fonte: Primária

López (2009) relata que as famílias precisam contribuir com a escola, devendo mostrar-se interessadas pelos deveres de seus filhos, conversando com professores para ter informação constante sobre o processo educativo concretizado na instituição escolar, dando a cooperação solicitada para tornar mais eficaz a ação escolar e, também, respeitar os conhecimentos e as habilidades que a instituição proporciona.

Constatou-se que está havendo pouca participação na escola por parte dos pais e isto é um ponto negativo na aprendizagem dos alunos, pois estes necessitam de um acompanhamento familiar nos estudos para haver uma educação eficaz. Rossini (2011)

defende que: a eficácia da educação escolar depende do grau de implicação, enfim, do grau de participação dos pais; do mesmo modo que a educação familiar não deve encontrar na escola uma concepção oposta à sua.

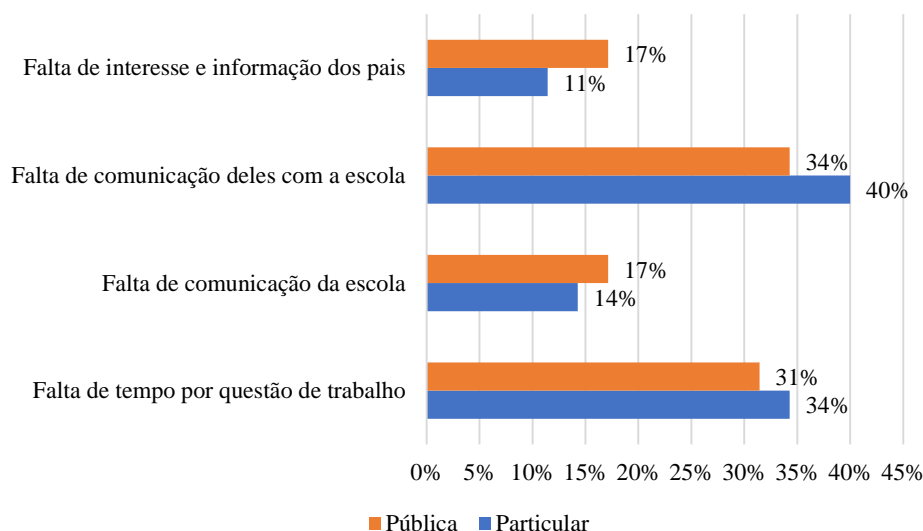
Tabela 16. A que se deve à ausência dos pais na escola (n=70)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Falta de tempo por questão de trabalho	12	34%	11	31%	23	33%
Falta de comunicação da escola	5	14%	6	17%	11	16%
Falta de comunicação deles com a escola	14	40%	12	34%	26	37%
Falta de interesse e informação dos pais	4	11%	6	17%	10	14%
Total	35	100%	35	100%	70	100%

Fonte: Primária

Quando perguntado aos professores, **Tabela 16**, sobre a que se deve à ausência dos pais na escola, 40% dos participantes da escola particular responderam falta de comunicação deles com a escola e 34% dos pais da escola pública também confirmaram falta de comunicação deles com a escola.

Gráfico 14. A que se deve à ausência dos pais na escola (n=70)



Fonte: Primária

Muitos são os argumentos utilizados pelos pais, assim como afirmam os professores, “muitos dizem que é falta de tempo”, “trabalham no horário das aulas”, esses são uns dos principais motivos alegados pelos pais para não comparecerem na escola.

As novas configurações econômicas da sociedade muitas vezes exigem dedicação dos pais, impossibilitando a presença dos pais em compromissos educacionais de seus filhos. A correria do dia a dia não permite que muitos familiares acompanhem de perto esse desenvolvimento. Além disso, muitos pais não têm condições intelectuais de participar. Isso porque o processo de alfabetização e escolarização da sociedade é gradual, portanto, nem todos os pais de crianças escolarizadas foram alfabetizados, o que dificulta a participação (CASTRO, 2012).

Por isso, é importante saber que essa relação de presença na educação dos filhos está para além da relação com a escola. É uma relação com o conhecimento, com a ação de ser educado, aprender, conhecer. Os pais que conseguem, mesmo em meio a tantos compromissos, demonstrar a importância do processo educativo para os filhos, já estão contribuindo significativamente para o desenvolvimento deste.

É comum acompanharmos situações de crianças cujos pais não haviam sido alfabetizados, que foram educados, chegando ao ensino superior. Isso quer dizer que a relação estabelecida com a educação no seio familiar era de relevância, ou seja, os pais sempre mostraram aos filhos a importância de estudar, de receber e construir conhecimentos, de respeitar as instituições de ensino e as pessoas que participam desse processo (Soares, 2010).

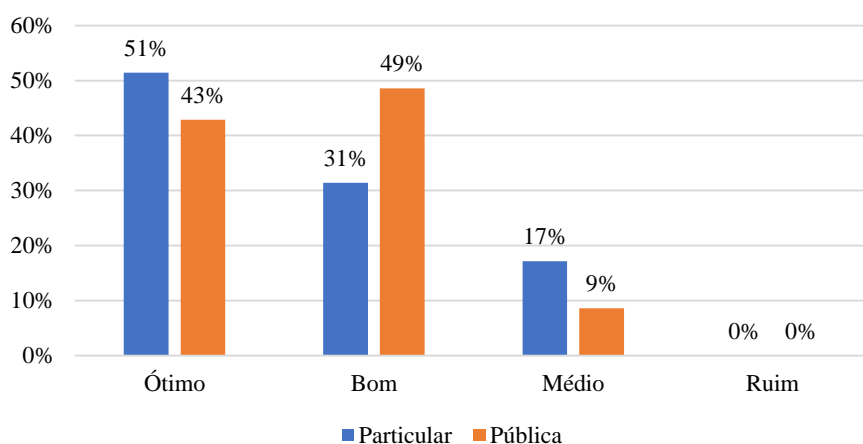
Tabela 17. Rendimento escolar dos alunos que tem a participação da família na escola (n=70)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Ótimo	18	51%	15	43%	33	47%
Bom	11	31%	17	49%	28	40%
Médio	6	17%	3	9%	9	13%
Ruim	0	0%	0	0%	0	0%
Total	35	100%	35	100%	70	100%

Fonte: Primária

De acordo com os dados da **Tabela 17**, ao questionamento da relação rendimento escolar dos alunos que a família frequenta a escola os professores da escola particular 51% responderam “ótimo”, enquanto 49% da escola pública responderam “bom”.

Gráfico 15. Relação rendimento escolar dos alunos e participação da família na escola (n=70)



Fonte: Primária

José e Coelho (2008, p. 12), entendem que: “É de suma importância, portanto, que o professor conheça o processo de aprendizagem e esteja interessado nas crianças como seres humanos em desenvolvimento. Ele precisa saber como seus alunos são fora da escola e como são suas famílias”.

Com sutileza e cuidado a escola deve chamar a atenção dos pais, despertá-lo para suas responsabilidades, mostrar o quanto é valioso para a criança a participação dos pais na vida escolar, a presença nas reuniões, datas comemorativas, sempre informar aos pais sobre os factos ocorridos ou que irão acontecer, falar sobre o desempenho do aluno, tentar ao máximo não cometer erros, taxar os alunos disso ou daquilo, pois quando falamos dos filhos dos outros é necessário muita cautela e o uso constante de palavras adequadas.

A participação da família na escola contribui muito com a melhora do rendimento escolar do aluno. Quando o aluno apresenta desempenho inadequado na escola, buscam-se culpados e, tanto a família, quanto a escola, transfere uma para a outra a culpa.

Sampaio (2011) enfatiza que: Quando as notas são altas e tudo vai bem, ninguém pensa em discutir a relação. Se o boletim e o comportamento deixam a desejar, começa o jogo de empurra. Professores culpam a família “desestruturada”, que não impõe limites nem se interessa pela educação. Os pais, por sua vez, acusam a escola de negligente, quando não taxam o próprio filho de irresponsável. Nessa briga nada saudável, a única vítima é o aluno.

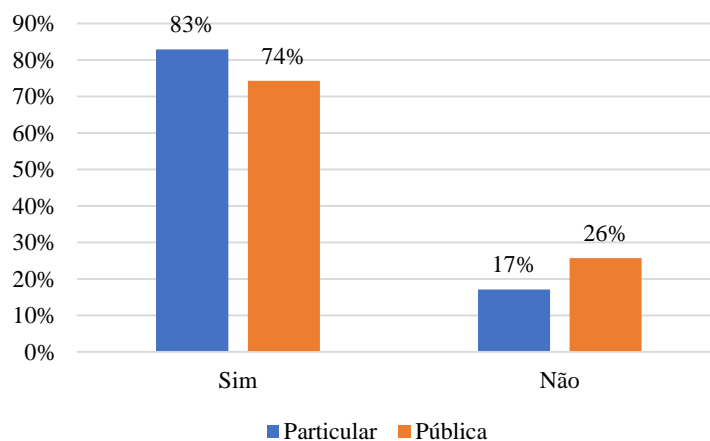
Tabela 18. Necessidade de atividades pela escola com a participação da família

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sim	29	83%	26	74%	55	79%
Não	6	17%	9	26%	15	21%
Total	35	100%	35	100%	70	100%

Fonte: Primária

Na Tabela 18, ao serem questionados sobre a necessidade de atividades pela escola com a participação da família, 83% dos pais da escola particular e 74% da escola pública responderam que “sim” concordando com essa necessidade de relação família/escola.

Gráfico 16. Necessidade de atividades na escola com a participação da família



Fonte: Primária

A participação na vida escolar dos filhos é de suma importância para o desempenho do aluno, pois quando os pais acompanham a criança em todo o seu processo de desenvolvimento educacional, está se sente valorizada e importante na vida de seus pais. Tais sentimentos somente contribuem para o seu aprendizado. Existem muitas maneiras dos pais participarem deste processo, sendo que algumas contribuições tornam-se muito relevantes como o auxílio nas tarefas escolares, o incentivo à leitura e o seu envolvimento nos eventos pedagógicos ocorridos na escola (SOARES, 2010).

Sabendo da importância da participação dos pais na vida escolar das crianças Szymanski (2010, p.23) diz que “geralmente os pais que participam de reuniões na escola,

são os mesmos que participam e ajudam os filhos nas atividades escolares, ressaltando que é a minoria dos pais que colaboram”.

Ao planejar suas aulas, os professores “devem incluir e considerar a participação dos pais nas atividades, uma vez que o aluno, ao sair da escola, é responsabilidade dos pais auxiliarem seus filhos nestes deveres para que a aprendizagem se concretize”, como propôs López (2009, p. 77).

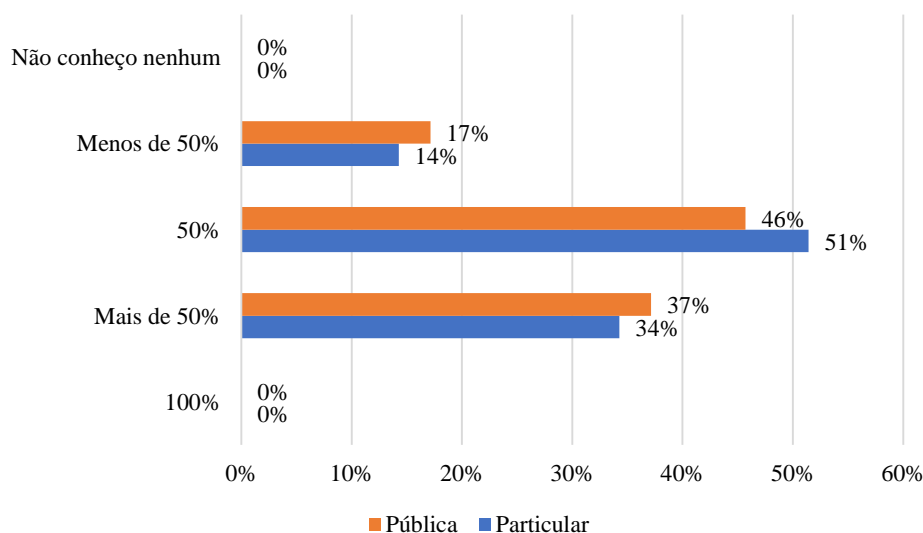
Tabela 19. Você conhece os pais de seus alunos. Qual a média? (n=70)

Variáveis	Escola Particular		Escola Pública		Total	
	n	%	n	%	n	%
100%	0	0%	0	0%	0	0%
Mais de 50%	12	34%	13	37%	25	36%
50%	18	51%	16	46%	34	49%
Menos de 50%	5	14%	6	17%	11	16%
Não conheço nenhum	0	0%	0	0%	0	0%
Total	35	100%	35	100%	70	100%

Fonte: Primária

Na **Tabela 19**, ao serem questionados sobre se conhecem os pais dos seus alunos, os 51% dos professores da escola particular responderam “sim”, enquanto que na escola pública 46% deram a mesma resposta.

Gráfico 17. Você conhece os pais de seus alunos. Qual a média? (n=70)



Fonte: Primária

Na prática nós professores necessitamos conhecer os pais de nossos alunos e construirmos parceria que vão além da relação família e escola (FERNANDEZ, 2009).

Segundo Tiba (2012, p.187) a educação escolar é diferente da educação familiar. Não há como uma substituir a outra, pois ambas são complementares. “Não se pode delegar à escola parte da educação familiar, pois esta é única e exclusiva, voltada à formação do caráter e aos padrões de comportamentos familiares”. A escola é um ambiente importante de convívio no qual recebem estímulos, espaço para a socialização e tem o objetivo de preparar o aluno profissionalmente.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho trouxe questões ligadas à participação da família na formação e educação escolar dos filhos no século XXI. Essa pesquisa teve a intenção de contribuir para que os professores e os pais reflitam sobre novas possibilidades de relação entre as duas instituições, família e escola.

Acredita-se que, nos dias atuais, não há no mundo, uma escola que consiga realizar seu trabalho de forma efetiva e verdadeira se não contar com a colaboração e a participação efetiva dos pais. Dentro do mesmo contexto, nenhuma família consegue o desenvolvimento cultural e formação profissional dos seus filhos se não contar com a ajuda e o trabalho dos profissionais ligados à educação.

A rapidez com que as mudanças sociais acontecem faz com que o homem concorde com uma nova atitude frente à realidade, e compete à escola procurar novas formas de ensino-aprendizagem para trabalhar com uma sucessão de alunos que cresce em cenários ricos em conhecimentos.

A educação pode atender as necessidades específicas de ensinar e aprender, pesquisar as competências habilidades e preparar o indivíduo para desempenhar um bom papel na sociedade. Espera-se que nesse século, as nações e sociedades se dediquem de alguma forma na organização de uma educação para todos, aumentando o acesso à educação para milhões de pessoas. É indispensável aprofundar a dimensão social e comunitária da educação, ampliar as ações adequadas para melhorar a proporção de oportunidades diante das transformações tecnológicas, econômicas, sociais, culturais e institucionais, adequar as diversas possibilidades de formação profissional às necessidades produtivas, propiciar uma cidadania ativa, crítica, consciente e aberta à diversidade.

A educação pode servir para desprender o homem, dando-lhe instrumentos para conduzir suas ocupações e é esta a educação necessária para o século XXI. O futuro profissional da educação também deve sempre estar buscando novos conhecimentos, através da pesquisa, desenvolver novas competências e, conseqüentemente, estar sempre atualizado para conquistar sua autonomia. A educação terá que prover aos educandos as competências adequadas para enfrentar com sucesso mudanças constantes, mas que ao mesmo tempo lhes permitam manter as suas identidades culturais, comunitárias e individuais.

O professor do século XXI, que busca uma chance de crescimento pessoal e profissional, não se pode esquecer dos seguintes caminhos: de buscar uma educação

continuada assídua, além de participar de treinamentos curtos que oferecem visões práticas de sua profissão; de dominar a tecnologia para tê-la como associada na sua prática pedagógica; de ler frequentemente artigos relacionados à área de atuação, pois geralmente indicam os caminhos percorridos pelos vencedores e, quase sempre, servem de apoio para a construção do conhecimento envolvendo professor-aluno.

Pensando assim, é importante ressaltar que, para que haja realmente a formação plena de uma pessoa, pais e professores devem criar um relacionamento de amizade, respeito e interesse mútuos, que venham atender as necessidades de aprendizagem e formação cultural da criança.

Os educandos, cujas famílias participam ativamente da vida escolar, têm maiores oportunidades de sucesso, por isso, é dever da escola incentivar a participação dos pais na vida escolar, mostrando toda sua importância e como os resultados serão melhores depois que os mesmos tomarem consciência dessa participação.

O educador e a família devem ser parceiros na aprendizagem dos alunos, não apenas no conhecimento cognitivo, mas na construção de valores que farão toda diferença quando a este estiver fora do ambiente escolar. A participação da família é fundamental, tanto quanto a escola, para que o educando se desenvolva, se socialize e que realmente, aprenda. Há muita dificuldade na obtenção de bons resultados do ensino-aprendizagem, quando não se pode contar com a participação familiar.

Se o educador tem o apoio da família e, se a família sente que seu apoio e participação são importantes, escola e família sentir-se-ão mais valorizadas e o resultado será o diferencial de um trabalho desenvolvido com a participação de todos os interessados na aprendizagem do aluno. Como resultado desse trabalho, ficou claro o quanto é importante o apoio e o envolvimento dos pais no desenvolvimento da aprendizagem destes.

Diante desse contexto os resultados da pesquisa evidenciaram que muitas vezes, os pais se abstêm da sua obrigação em visitar a escola, tal comportamento deve-se ao facto de, na maioria das vezes, não possuírem um relacionamento estreito e afetivo com o professor e a escola, ou acreditam que sua participação é dispensável, ou ainda, não sabem como participar.

Diante disto, a criação de uma parceria entre a família e a escola independe também da conscientização dos professores e de toda a instituição para uma mudança desta situação.

As reuniões entre pais e mestre são sempre cansativas, baseadas em temas teóricos e abstratos, em que muitas vezes os pais ouvem uma lista de problemas dos filhos, que vão desde mau comportamento às notas ruins e somente o professor fala.

Os pais precisam ter um espaço para falar, apresentar suas ideias, demonstrar o que pensam sobre o trabalho do professor e, em geral, de toda a escola. Ao mesmo tempo, a escola deve promover programas para o envolvimento familiar, além das datas comemorativas. Reuniões específicas para orientação da participação efetiva dos pais na educação escolar dos filhos, fazendo com que os mesmos percebam o quanto podem colaborar com o trabalho do professor e o quanto essa parceria pode ser positiva para todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem do discente é uma alternativa interessante para o início da mudança de postura dos pais em relação à vida escolar de seus filhos.

Desse modo considera-se de primordial importância que a família e a escola se unam para o fortalecimento e qualidade na aprendizagem discente, para tanto, basta que as instituições escola/família se unam e cumpram seu papel: a escola deve ensinar e a família deve acompanhar o aprendizado de seus filhos, buscando soluções e alternativas caso o nível de aprendizagem não seja satisfatório.

Assim entende-se que a interlocução entre a escola e a família seja capaz de proporcionar a troca de ideias entre as mesmas; em qualquer instância compete a escola pressupor como certa ou errada a educação que cada família oferta; o objetivo da escola é permitir e abrir espaços para que valores sejam obtidos e trabalhar o respeito e as desavenças expressas pela família, possibilitando e certificando a integridade básica do aluno e da família.

Conclui-se então que a junção escola-família cria comprometimento, tece redes de inter-relações, representa laços éticos dando novos conceitos e criando horizontes para uma formação de prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarenga, E. M. (2012). *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa* (2ª ed).
- Aranha, M. L. A. (2006). *História da Educação* (2ª ed). São Paulo: Moderna.
- Ariès, P. (2006). *História Social da Criança e da Família* (2ª ed., D. Flaksman, D.: Trad.) Rio de Janeiro: LTC Editora.
- Arribas, T. L. (2011). *Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar* (5ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Arroyo, M. G. (2010). *Ofício de Mestre: imagem e auto-imagens*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Assmann, H., & Sung, J. M. (2012). *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes.
- Azanha, J. M. P. (2011). *Educação: temas... polêmicos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brambatti, F. F. (2010). A importância da família na educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem escolar sob a ótica da psicopedagogia. *Revista de Educação Ideal*, 5 (10), 2010.
- Brasil. (1996). *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
- Brasil. (2010). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Infantil*/Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB.
- Campos, C. (2011). *Retrospectiva da educação brasileira: contexto sócio-político, a legislação do ensino e a política educacional brasileira*. 2011. Artigo apresentado à disciplina de Legislação Educacional do curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.
- Capra, F. (2007). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Carvalho, A. M. O. T. (2009). Pais na creche: a arte do diálogo entre educadores e família. *Educação e Sociedade*, 26 (91), 689-692.
- Castro, E. (2012). Família e Escola: O caos Institucional e a crise da modernidade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 72 (18), 22.
- Chalita, G. (2011). *Educação: A solução está no afeto*. São Paulo: Gente.

- Chechia, V. A., & Andrade, A. S. (2011). Representação dos pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, 7 (12).
- Codo, W. (2009). *Educação: Carinho e Trabalho*. Burnut, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação (4ª ed). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cunha, M.V. (2010). A escola renovada e a família desqualificada: do discurso histórico-sociológico ao psicologismo na educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, 77 (16), 318 - 345.
- Cury, A. (2006). *Pais brilhantes professores fascinantes*. Unoeste.
- Dias, M. L. (2010). *Vivendo em Família: relações de afeto e conflito*. São Paulo: Moderna.
- Ferreira, A. B. H. (2010). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (5ª ed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Dowbor, L. (2011). *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. (3ª ed). São Paulo: Editora Vozes.
- Fernández, A. (2009). *A Inteligência aprisionada*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Freire, P. (2012). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa* (25ª ed). São Paulo; Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2010). *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D.T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Gokhale, S. D. (2009). A família desaparecerá? *Revista debates sociais*, 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS.
- Golbert, C. S. (2008). Considerações sobre as atividades dos profissionais em Psicopedagogia na Região de Porto Alegre. *Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, Ano 4, 8.
- Hoffmann, J. (2007). *Avaliar. Respeitar primeiro, educar depois*. Porto Alegre: Mediação.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). [2017-04-23]. Disponível em WWW: <url:www.ibge.gov.br>.
- José, E. A., & Coelho, M. T. (2008). *Problemas de aprendizagem*. São Paulo: Ática.
- Libâneo, J. C. (Org). (2010). *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez.
- López, I. S. (2009). *Educação na família e na escola: o que é, como se faz* (2ª ed). São Paulo: Editora Loyola.

- Lück, H. (2008). *A gestão participativa na escola* (6ª ed). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Malavazi, M. M. (2002). Avaliação: construindo o campo e a crítica. In: Freitas, L. C. (Org.). Florianópolis: Insular.
- Marcondes, K. H. B., & Sigolo, S. R. R. L. (2010). A relação entre a família e a escola no contexto de progressão continuada. *Universo Acadêmico*, Taquara, 7 (1), 1 - 16.
- Maturana, H., & Rezepka, S. N. (2010). *Formação Humana e capacitação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- Maximo, S. (2011). *Escola e Família: Tensões e Ambiguidades de uma relação historicamente produzida*. UNICAMP, São Paulo.
- Mittler, P. (2012). *Educação Inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Artmed.
- Moreira, J. (2013). Família-Escola, principal elo da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, 8 (18).
- Morin, E. (2010). *A cabeça bem feita: repensar a reforma reformar o pensamento*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- Palato, A. (2009). Sem culpar o outro. *Revista Nova Escola*. Guia do Ensino Fundamental de 9 anos. São Paulo, 225, 102-104.
- Paro, V. H. (2009). *Administração Escolar: introdução crítica*. São Paulo: Cortez.
- Parolin, I. C. H. (2007). *Pais e Educadores: quem tem tempo de educar?* Porto Alegre: Mediação.
- Passos, E. (2011). *Ética e psicologia: teoria e prática*. São Paulo: Vetor.
- Pereira, J. (2010). *Sobral: educação é destaque em jornal inglês*. *Jornal O Estado do Ceará*. [Consult. 2017-09-25]. Disponível em WWW: <url: <http://www.gsnoticias.com.br/noticia-detalle/educacao-cultura-sociedade/sobral-educacao-destaque-em-jornal-ingles>>.
- Pereira, P. A. (2010). Desafios Contemporâneos para a Sociedade e a Família. *Revista Serviço Social e Sociedade*, 48, Ano XVI. São Paulo: Cortez.
- Piana, M. C. (2009). *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Reinke, S. H. (2006). Educação e Família: uma relação indispensável para o desenvolvimento integral das crianças até seis anos de idade. Dissertação de Mestrado apresentada para o Instituto Ecumênico de Pós-Graduação Educação e Religião para obtenção do título de Mestre em Teologia.

- Reis, R. P. (2011). Relação família e escola: uma parceria que dá certo. *Mundo Jovem*: um jornal de ideias, Ano XLV, 373, 6.
- Rocha, C. S., & Macedo, C. R. (2012). *Relação Família & Escola*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia), Universidade do Amazonas, Belém, PA.
- Setubal, M. A. (2009). *Ensinar e aprender: reflexão e criação*. Vol. 1. São Paulo: USP.
- Soares, J. M. (2010). *Família e Escola: Parceiras no Processo Educacional da Criança*. IESAP. Amapá.
- Stake, R. E. (2007). *Investigación com estudio de casos*. (4ª ed). Madrid (ES): Ediciones Morata.
- Strieder, R. (2012). *Educação e humanização: por uma vivencia criativa*. Florianópolis, SC: Editora Habitus.
- Szymanzki, H. (2010). *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. (1º reimpressão). Brasília, Plano Editora.
- Tiba, I. (2012). *Disciplina, limite na idade certa*. São Paulo: Editora Gente.
- Tozoni-Reis, M. F. C. (2012). *Metodologia da pesquisa*. (2ª ed). Curitiba: IESDE Brasil.
- Trivinos, A. W. S. (2010). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.
- Vasconcellos, C. S. (2009). *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad.
- Vilhena, J. (2009). *Repensando a Família*. [Consult. 2017-04-02]. Disponível em WWW: <url: www.psicologia.com.pt>. Acesso em: 02/ abr./ 2017.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (4ª ed). Porto Alegre (RS): Bookman.
- Zagury, T. (2011). *Limites sem Trauma*. (33ª ed). Rio de Janeiro: Record.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Prezado Senhor (a),

Sou aluno do Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Lusófona de Portugal e estou realizando uma pesquisa de campo com o objetivo de colaborar para com as pesquisas no âmbito da Educação. Para tanto conto com sua colaboração. Desde já agradeço. Atenciosamente,

Lindomar J. M. Rodrigues

INFORMANTE:

Escola: Pública () Particular ()

QUESTIONAMENTO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DENTRO DA ESCOLA

1. Você participa ou já participou de algum trabalho voluntário na escola de seu filho?

() nunca participo () já participei () participo esporadicamente
() Participo sempre () não tenho tempo () não opinaram.

2. Você atende as convocações de ir à escola?

Sim () Não () Às vezes ()

3. Você conhece a Escola de seu filho?

Conhecem pouco () Não conhecem () Conhecem () Não opinaram ()

4. Você acha importante a participação da Família na escola?

Sim () Não () Não opinaram ()

5. Você conhece os representantes do colegiado de sua escola?

Não conheço () Conheço () Não sabia que tinha colegiados ()

QUESTIONAMENTOS SOBRE O QUE OS PAIS ESPERAM DA ESCOLA

6. Dois itens abaixo, qual deles você gostaria de ter mais retorno/informações da escola?

Professores () Direção () Coordenação () Biblioteca () Merenda escolares () Serviços de secretaria () Eventos () Amigos de seus filhos () Nenhum ()

7. Você sabe qual é o método ou filosofia que a escola utiliza?

Sim () Não () Não sabem ()

8. Você foi convidado a participar do projeto político pedagógico da escola do seu filho?

Sim () Não ()

QUESTIONAMENTOS SOBRE COMO AS ESCOLAS RECEBEM OS PAIS

9. Qual a sua opinião sobre as reuniões marcadas pela escola?

São ótimas na teoria () Necessárias, mas não tem tempo para participar () Não resolvem os problemas () Demonstra o interesse da Escola () Não opinaram ()

10. Como a Escola informa das reuniões e suas atividades?

Boletim de notas () Mala direta/correios () Aluno entrega o bilhete () Aluno não entrega o bilhete () Não recebe nenhuma informação ()

11. Quais os pontos negativos das reuniões dentro das escolas que incomodam mais?

Horários das reuniões () Datas das reuniões () Opinião dos pais não são ouvidas () Atrasos nas reuniões () Falta de retorno dos problemas da escola () Não opinaram ()

12. Quais os pontos positivos das reuniões dentro das escolas que mais você gosta?

Conhece a escola () Oportunidade de conhecer () Melhoria do ensino () Interação com a escola () Ajuda aos filhos () Não opinaram ()

APÊNDICE 2

Prezado Senhor (a),

Sou aluno do Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Lusófona de Portugal e estou realizando uma pesquisa de campo com o objetivo de colaborar para com as pesquisas no âmbito da Educação. Para tanto conto com sua colaboração. Desde já agradeço. Atenciosamente,

Lindomar J. M. Rodrigues

INFORMANTE:

Escola: Pública () Particular ()

QUESTIONAMENTO SOBRE COMO OS PROFESSORES OBSERVAM A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA

1. A participação dos pais na escola se dá de que forma na instituição que você atua?

Boa () razoável () péssima () Muito boa ()

2. A que se deve à ausência dos pais?

Falta de tempo por questões de trabalho () Falta de comunicação da escola ()

Falta de comunicação deles com a escola () Falta de interesse e informação dos pais ()

3. Como é o rendimento escolar dos alunos que tem a participação da família na escola?

Bom () Médio () Ótimo () Ruim ()

4. Você acha necessário que sejam desenvolvidas atividades buscando mais participação da família na escola em que você atua?

Sim () Não ()

5. Você conhece os pais de seus alunos? Qual a média?

100% dos pais () Não conheço nenhum () 50% () + de 50% () - 50% ().

APÊNDICE 3

ANEXO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____

_____, RG: _____, declaro que consinto em participar como sujeito da pesquisa **A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS FILHOS NO SÉCULO XXI**, sob a responsabilidade do pesquisador **LINDOMAR JÉMISON MOURA RODRIGUES** e que fui satisfatoriamente esclarecido que: A) o estudo será realizado a partir de RESPONDER O QUESTIONÁRIO; B) que não haverá riscos para minha saúde, C) que posso consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou por telefone, para esclarecimento de qualquer dúvida; D) que estou livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa e que não preciso apresentar justificativas para isso; E) que todas as informações por mim fornecidas e os resultados obtidos serão preservados e confiados ao pesquisador que se obriga a manter o anonimato em relação à fonte (sujeitos de pesquisa) e a se manter fiel e rigoroso em relação aos dados obtidos; F) que serei informado de todos os resultados obtidos na pesquisa; G) que não terei quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa; H) que compreendi que esta pesquisa é importante para o estudo e melhor entendimento de quais estratégias a equipe gestora pode utilizar para promover a alfabetização e letramento dos alunos até os oito anos de idade.

DECLARO, igualmente, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que nos foi explicado, consinto em participar da pesquisa em questão.

Sobral, _____ de _____ de 20____.

Sujeito de pesquisa Pesquisador OBS: Este termo apresenta duas vias, uma destinada ao usuário ou seu representante legal e a outra ao pesquisador.

Assinatura do Pesquisado

Assinatura do Pesquisador